

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

MARISTELA FÁTIMA DOS SANTOS OLIVEIRA

AFETIVIDADE E ESCOLA: UMA RELAÇÃO EM CONSTRUÇÃO

São Leopoldo

2010

MARISTELA FÁTIMA DOS SANTOS OLIVEIRA

AFETIVIDADE E ESCOLA: UMA RELAÇÃO EM CONSTRUÇÃO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Orientadora: Laude Erandi Brandenburg

Segundo Avaliador: Remí Klein

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48a Oliveira, Maristela Fátima dos Santos
Afetividade e escola : uma relação em construção /
Maristela Fátima dos Santos Oliveira ; orientador Laude
Erandi Brandenburg ; co-orientador Remí Klein . – São
Leopoldo : EST/PPG, 2010.
57 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de
Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em
Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Educação afetiva. 2. Psicologia educacional. 3.
Motivação na escola. I. Brandenburg, Laude Erandi. II.
Klein, Remí. III. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

MARISTELA FÁTIMA DOS SANTOS OLIVEIRA

AFETIVIDADE E ESCOLA: UMA RELAÇÃO EM CONSTRUÇÃO

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação.
Linha de Pesquisa: Educação
Comunitária com Infância e
Juventude

Data:

Laude Erandi Brandenburg - Doutora em Teologia - Escola Superior de Teologia

Remí Klein - Doutor em Teologia - Escola Superior de Teologia

AGRADECIMENTOS

O ser humano é um ser que jamais constrói sozinho. Sempre precisará do outro. Desta forma, para poder concluir este trabalho, muitas pessoas fizeram parte do mesmo e a elas tenho muito a agradecer:

Aos professores da EST, pela atenção, carinho e amizade que houve durante este período de aprendizagem;

À minha orientadora, Profa. Dra. Laude Brandenburg, que incentivou e deu apoio durante o processo de construção deste trabalho, pelo carinho e atenção que dedicou;

A Deus pela vida e pela oportunidade de vencer os obstáculos com coragem e fé;

A meus pais por terem me semeado;

Em especial à minha mãe, que sempre incentivou aos estudos;

A meu marido, que de seu modo deu apoio sem cobranças;

Aos meus filhos pela força, incentivo e por demonstrarem muito orgulho de sua mãe;

Aos colegas de curso pela amizade e pela troca de conhecimentos;

A Celói, Cristina, Nora e Vera Regina, por acreditarem no meu potencial, convidando-me a realizar o Mestrado;

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho;

À Prefeitura de Capivari do Sul, pelo apoio na realização deste estudo.

– Educar –

*Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu.
O educador diz: “Veja!” - e, ao falar, aponta.
O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu.
Seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente...
E, ficando mais rico interiormente, ele pode sentir mais alegria
e dar mais alegria – que é a razão pela qual vivemos.*

*Já li muitos livros sobre psicologia da educação, sociologia da educação, filosofia da educação – mas,
por mais que me esforce, não consigo me lembrar de qualquer referência à educação do olhar ou à
importância do olhar na educação, em qualquer deles.*

*A primeira tarefa da educação é ensinar a ver...
É através dos olhos que as crianças tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo...
Os olhos têm de ser educados para que nossa alegria aumente.*

*A educação se divide em duas partes:
educação das habilidades e educação das sensibilidades...
Sem a educação das sensibilidades,
todas as habilidades são tolas e sem sentido.
Os conhecimentos nos dão meios para viver.
A sabedoria nos dá razões para viver.*

*Quero ensinar as crianças. Elas ainda têm olhos encantados.
Seus olhos são dotados daquela qualidade que, para os gregos, era o início do pensamento:
a capacidade de se assombrar diante do banal.*

*Para as crianças, tudo é espantoso:
um ovo, uma minhoca, uma concha de caramujo, o vôo dos urubus,
os pulos dos gafanhotos, uma pipa no céu, um pião na terra.
Coisas que os eruditos não vêem.*

*Na escola eu aprendi complicadas classificações botânicas,
taxonomias, nomes latinos – mas esqueci.*

*Mas nenhum professor jamais chamou a minha atenção para a beleza de uma árvore...
... ou para o curioso das simetrias das folhas.*

*Parece que, naquele tempo, as escolas estavam mais preocupadas em fazer com que os alunos
decorassem palavras que com a realidade
para a qual elas apontam.*

*As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor.
Aprendemos palavras para melhorar os olhos.
Há muitas pessoas de visão perfeita que nada vêem...
O ato de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido.*

*Quando a gente abre os olhos, abrem-se as janelas do corpo,
e o mundo aparece refletido dentro da gente.*

*São as crianças que, sem falar, nos ensinam as razões para viver.
Elas não têm saberes a transmitir.
No entanto, elas sabem o essencial da vida.
Quem não muda sua maneira adulta de ver e sentir
e não se torna como criança jamais será sábio.*

(Rubem Alves)

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo apresentar a importância que se deve dar ao aspecto afetivo no processo de ensino e aprendizagem. Considerando cada fase de desenvolvimento da pessoa, compreende-se que cada criança seja diferente cognitivamente e afetivamente. A pesquisa e o tema nasceram das inquietações vivenciadas no contexto escolar, através das práticas e ações articuladas no dia a dia. No primeiro capítulo, o tema abordado é a afetividade e a aprendizagem, definições, conceitos e os desafios encontrados na escola, a relação professor-aluno, aluno-aluno e a afetividade na sala de aula. No segundo capítulo, trata-se da afetividade e da prática pedagógica por meio de estudos e pesquisas das diversas práticas pedagógicas nas diferentes escolas: na tradicional, na escola nova e na tecnicista; o papel do educador como mediador e o desafio em estabelecer vínculos afetivos com o seu aluno. A sala de aula é um espaço de inclusão, de pessoas com diferentes valores e formas de viver, simbolizando as diferenças culturais na diversidade, é importante o professor saber expressar afetividade pelos alunos, através da sua prática pedagógica, já que ensinar é trabalhar e se relacionar com seres humanos, o que sugere um professor portador de equilíbrio emocional, que lhe assegure convivência tranquila com a diversidade existente na sala de aula. Toda ação pedagógica deve estar relacionada com os objetivos propostos pelo professor, pelo aluno e pela escola, pois desta relação vai depender o sucesso ou o fracasso do processo de ensino e aprendizagem, podendo gerar a evasão escolar ou, em outras palavras, a exclusão. No terceiro capítulo, o tema abordado enfatiza a escola afetiva, a escola com que todos sonham. Aquela cujo ambiente escolar proporciona um espaço alegre, espaço de conhecimento, de solidariedade e de afeto. É no espaço escolar, em que a convivência, a cooperação e a troca de afetos nos torna mais humanos. Esta é a escola que trabalha em conjunto, em parcerias e em diálogo. Uma escola comprometida com a educação, com uma educação compartilhada, solidária, na qual não há espaço para a exclusão.

Palavras-chave: Afetividade. Práticas Pedagógicas. Parceria. Inclusão.

ABSTRACT

This thesis aims to show the importance to be given to the affective aspect in the teaching and learning. Whereas each person's stage of development, it is understood that each child is different cognitively and affectively. The survey, and the theme, born of the troubles experienced in the school context, through the practices and actions articulated in everyday life. In the first chapter, the subject is the emotion and learning, definitions, concepts and challenges encountered in school, the teacher-student, student-student and affection in the classroom. In the second chapter, it is the affection and teaching practice through studies and research on education practices in different schools: traditional, new school and the technicalities, the educator's role as mediator and the challenge to establish emotional bonds with their students. The classroom is a space for inclusion of people with different values and ways of life, symbolizing the cultural diversity, is important for the teacher know how to express affection by students, through their teaching, since, teaching is work and relate to humans, which suggests a teacher carrying emotional balance, which guarantees peaceful coexistence with the diversity in living classroom. Every action must be related to educational goals proposed by the teacher, the student and school, this relationship will depend on the success or failure of the teaching and learning, which can generate truancy, or in other words, exclusion. The third chapter, the subject addressed emphasizes the affective school, the school that everyone dreams. One school whose environment provides a cheerful space, space of knowledge, of solidarity and affection. It's in the school space, in which the coexistence, cooperation and exchange of feelings makes us more human. This is the school working together in partnerships and dialogue. A school committed to education, with a shared education, solidary, in which there is no room for exclusion.

Keywords: Affectivity. Pedagogical Practices. Partnerships. Inclusion.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: DEFINIÇÕES, CONCEITOS E DESAFIOS PRESENTES.....	11
1.1 Relação professor-aluno na escola atual	15
1.2 Relação aluno-aluno na escola atual.....	18
1.3 A afetividade em sala de aula	20
2 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E A AFETIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS	25
2.1 As práticas pedagógicas nas diferentes escolas: escola tradicional, escola nova e escola tecnicista	28
2.2 A inclusão através da prática pedagógica	31
3 A ESCOLA AFETIVA: UM SONHO POSSÍVEL.....	34
3.1 O papel do educador na escola afetiva	37
3.2 A escola para todos.....	41
CONCLUSÃO	50
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

É possível aprender sem estabelecer vínculos afetivos? Como andam as práticas pedagógicas dos professores? E os seus discursos? Ensinar para incluir ou excluir? A escola ideal existe? É possível sonhar?

Essas reflexões justificam a finalidade deste trabalho no sentido de aprofundar e pesquisar a importância do afeto no processo de ensino e aprendizagem e as suas possíveis implicações na relação educador-educando.

Escolhi o título *A afetividade e a escola: uma relação em construção* porque penso na afetividade como um fator importante dentro do espaço de aprendizagem, como uma relação que deve ser construída a cada dia por todas as pessoas que fazem parte do mesmo contexto. Durante minha trajetória como orientadora educacional, tenho observado a atuação de professores no contexto escolar, e daí surgiram algumas inquietações a partir da verificação da falta de afetividade entre professores e alunos, bem como as velhas práticas pedagógicas que ainda estão em “uso”, nos dias atuais.

O presente trabalho trata da afetividade surgida entre o professor e o aluno; da sua prática e do seu discurso pedagógico como fatores importantes para o processo de ensino e aprendizagem.

A intenção da pesquisa é apresentar a questão da afetividade, segundo Wallon e Piaget, considerando que as características mentais de cada uma das fases do desenvolvimento serão determinantes para a construção da afetividade e terão grande influência sobre o desenvolvimento intelectual.

Além de Wallon e Piaget, buscou-se referências de autores como Rubem Alves, Ana Rita S. Almeida, Sérgio Antonio da S. Leite, Elvira Cistina M. Tassoni, Pedro Morales, dentre outros, que têm seus estudos voltados à educação, preocupados com a prática pedagógica e com a relação entre afetividade e aprendizagem.

Esse trabalho final é apresentado em três capítulos, sendo que no primeiro é abordada a questão da afetividade e da aprendizagem: definições, conceitos e os desafios presentes na escola, a relação professor-aluno, a relação aluno-aluno e a afetividade na sala de aula. Segundo Monte-Serrat,

[...] não se pode falar de educação sem se levar em conta o fator afetivo, uma vez que recebemos o conhecimento por meio das relações com terceiros. De fato a dimensão afetiva não apenas afeta o processo educativo, mas é sustentáculo desse processo.¹

No segundo capítulo, será abordada a afetividade e a prática pedagógica, suas contribuições e abordagens, a fim de compreender a prática aplicada pelo professor em sala de aula. Para melhor compreensão dessa prática, serão analisados conceitos da Escola Tradicional, da Escola Nova e da Escola Tecnicista e suas abordagens. Neste, também, estudar-se-á a inclusão do aluno através da prática pedagógica, pois é de suma importância este cuidado para não acontecer a exclusão, processo que, embora invisível, ainda acontece através da prática pedagógica, levando o aluno, muitas vezes, ao abandono escolar.

No terceiro capítulo, será enfatizada a Escola Afetiva, aquela com a qual deveriam todos e todas, aqueles que se identificam com uma escola libertadora, sonhar e ir em busca, aquela escola em que o aluno sentiria prazer em estudar. A escola dos sonhos é possível?! Trabalhar em parceria, em redes de apoio, é uma das alternativas. Ter em mente que a educação é uma causa social e que todos têm direitos e desejos de nesta escola comparecer.

A metodologia usada na elaboração do trabalho final foi de caráter bibliográfico-dedutivo.

¹ MONTE-SERRAT, Fernando. *Emoção, afeto e amor: ingredientes do processo educativo*. São Paulo: Academia de Inteligência, 2007. p. 41.

1 AFETIVIDADE E APRENDIZAGEM: DEFINIÇÕES, CONCEITOS E DESAFIOS PRESENTES

A afetividade é um fator significativo no desenvolvimento cognitivo do aluno, bem como as demais relações estabelecidas na escola. O desenvolvimento afetivo influencia no processo de ensino e aprendizagem.²

Considera-se afetividade como sendo o conjunto de fenômenos psíquicos manifestos sob a forma de emoções ou sentimentos e acompanhados de impressão de prazer ou dor, satisfação ou insatisfação, agrado ou desagrado, alegria ou tristeza. Afetividade é a relação de carinho ou cuidado que se tem com alguém muito querido.³

Na relação de carinho ou cuidado, que vai além do espaço familiar como, por exemplo, na escola, os alunos expressam vários sentimentos: o encanto pelo novo ambiente, pelo encontro com os amigos, o prazer de aprender, a tristeza, a raiva, o aconchego, o gostar ou não da professora ou até mesmo dos colegas. Enfim, a adaptação é já um processo espaciotemporal de aprendizagem e criação de afetividade.

² A aprendizagem como conceito tem sido estudada e teorizada com afincos desde o Século XIX. Muitas são as escolas teóricas e suas definições. No entanto, de maneira objetiva, pois não é a intenção deste trabalho estudar a aprendizagem, optamos por compreender a mesma a partir da contribuição de Isabel Parolin (Pedagoga pela PUC-PR, Especialista em Psicodrama e Psicopedagogia e Mestre em Psicologia da Educação pela PUC-SP) que diz: “Aprendizagem é um processo que envolve vínculos individuais e coletivos que resultam das interações do sujeito com o meio, da ação do cuidador e das articulações entre o saber e o não saber. É um processo permeado, no caso do ser humano, por um clima e um tom sócio-afetivo, que produz instrumentos para mudar a si e ao mundo e vice-versa. É um movimento que envolve o mundo íntimo, a subjetividade, o desejo; e também o contexto no qual se dá. É o processo de conhecer; é o processo de vida que se dá por articulações possíveis e que amplia os domínios cognitivos para conexões cada vez mais complexas”. PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. As emoções e os estilos de aprendizagem no processo de ensinar e aprender. *Psicopedagogia OnLine*, 03/06/2009, Educação & Saúde. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=117>>. Acesso em: 10 nov. 2010. Por ensino compreendo “qualquer influência interpessoal cujo propósito é mudar os modos segundo os quais as pessoas poderão ou virão a comportar-se”. TEIXEIRA, Gilberto. Introdução aos Conceitos de Educação, Ensino, Aprendizagem e Didática. In: *Ser Professor Universitário*. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=12&texto=725>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

³ WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. *Afetividade*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Afetividade>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

Para Wallon, a afetividade é um termo que inclui os sentimentos mais duradouros e menos orgânicos que as emoções, pois o seu sentido é abrangente, incorporando as conquistas realizadas no plano da inteligência.⁴

A emoção, o sentimento e a paixão são, de acordo com Wallon, a evolução da afetividade, em que a emoção é a expressão corporal motora da afetividade, tornando-se o primeiro recurso de ligação entre o orgânico e o social. Portanto, “a emoção estabelece os primeiros laços com o mundo humano e através dele com o mundo físico”. O sentimento, por sua vez, “corresponde à expressão representacional da afetividade”,⁵ não implicando reações instantâneas e diretas como as que ocorrem durante a emoção. Já a paixão mostra o surgimento do autocontrole dominando certa situação, tentando silenciar a emoção.

De acordo com Mahoney e Almeida, Wallon desenvolve o papel da afetividade em estágios que expressam características da espécie humana, cujo conteúdo será determinado histórica e culturalmente.

No 1º estágio, impulso-emocional (0 a 1 ano), a afetividade da criança é expressa por movimentos “desordenados”, respondendo às sensibilidades corporais. Nesse estágio, a criança inicia um processo de diferenciação, participando mais do ambiente e familiarizando-se com o mundo.

No 2º estágio, sensório-motor e projetivo (1 a 3 anos), a criança volta-se para o mundo exterior, indagando sobre o que são os objetos, como se chamam e como funcionam.

No 3º estágio, personalismo (3 a 6 anos), a criança se descobre diferente das outras crianças e do adulto.

No 4º estágio, o categorial (6 a 11 anos), a criança organiza o mundo em categorias bem definidas, possibilitando uma compreensão mais nítida de si mesma.

No 5º estágio, puberdade e adolescência (11 anos em diante), surge o aparecimento da exploração de si mesmo, buscando uma identidade autônoma. O adolescente procura responder as seguintes questões: Quem sou eu? Quais são os meus valores? Quem serei no futuro?

⁴ WALLON *apud* ALMEIDA, Ana Rita Silva. *A emoção na sala de aula*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007. p. 43.

⁵ MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2007. p. 17-18.

Na fase adulta, o indivíduo se reconhece como o mesmo e único ser, afirmando com segurança: Eu sei quem sou! Nessa fase, geralmente, o adulto já tem desenvolvido uma consciência moral, reconhecendo e assumindo seus valores, dirigindo as suas decisões de escolha através deles. Com a definição dos valores, o adulto torna-se mais livre para ir em direção ao semelhante, ou seja, para fora de si, com condições de acolhê-lo. Com isso, irá existir um desenvolvimento mútuo, conseguindo dessa forma um equilíbrio entre “estar centrado em si” e “estar centrado no outro”.⁶

De acordo com Piaget, o desenvolvimento afetivo se dá paralelamente ao cognitivo,⁷ considerando assim que as características mentais de cada uma das fases do desenvolvimento serão determinantes para a construção da afetividade e têm uma grande influência sobre o desenvolvimento intelectual. Portanto, é fundamental cuidarmos do aspecto afetivo no processo de ensino e aprendizagem, considerando cada fase de seu desenvolvimento, compreendendo que cada criança é diferente cognitivamente e afetivamente.

Desde que a criança nasce o ambiente precisa satisfazer suas necessidades básicas de afeto, apego, desapego, segurança, disciplina e comunicação, pois é nele que se estrutura a mais importante forma de aprendizagem: a de estabelecer vínculos, isto é, a capacidade de se relacionar, tendo-se em conta que o ser humano é um ser social.⁸

A criança traz para o ambiente escolar toda a carga afetiva de seu desenvolvimento com a sua família, a sua história de vida, os seus conflitos emocionais. Os vínculos afetivos que se estabelecem com a criança desde o nascimento influenciam na constituição da personalidade e da auto-estima, propiciando condições necessárias para a aprendizagem.

A personalidade de cada um se desenvolve a partir de influências genéticas e ambientais, o que faz cada um ser diferente do outro. O ambiente familiar, escolar e os outros ambientes sociais influenciam na individualidade de cada ser, sejam nos aspectos psicológicos, sejam nos aspectos afetivos e emocionais.

⁶ MAHONEY; ALMEIDA, 2007, p. 19.

⁷ ARANTES, Valéria Amorim (Org.). *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003. p. 56.

⁸ BOSSA, N. A. Do nascimento ao início da vida escolar: o que fazer para os filhos darem certo? *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 17, 1998. Disponível em: <<http://www.psicopedagogianet.com.br/do-nascimento-ao-inicio-da-vida-escolar-o-que-fazer-para-os-filhos-darem-certo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2010.

O educador que perceber o seu aluno como um ser intelectual e afetivo, reconhecendo a afetividade como parte integrante do processo de construção do conhecimento, naturalmente terá um olhar ampliado sobre a prática pedagógica, não restringindo o processo de ensino e aprendizagem apenas à dimensão cognitiva.

Uma relação, em sala de aula, entre educadores e educandos em que não haja presença de afetividade, compromete a ação pedagógica. É importante que os laços entre professor e aluno sejam estabelecidos além do ato de ensinar e aprender. Quando não há um vínculo afetivo estabelecido entre professor e aluno, o processo de desenvolvimento da aprendizagem poderá tornar-se mais difícil. Cabe ao professor e a todos os profissionais da escola, envolvidos com esse aluno, proporcionar um ambiente acolhedor e afetivo, para que ele possa desenvolver todo o seu potencial. É importante ressaltar que o professor é a peça-chave, responsável pelo ambiente acolhedor, para estabelecer o vínculo e tudo aquilo que é favorável ao bem-estar do aluno. Quando uma criança entra na escola, ela deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida, ou seja, um conjunto de expectativas se cria ao seu redor: a ansiedade de conhecer a professora e seus colegas, a ansiedade dos pais com a adaptação do filho e da vontade de que o filho aprenda e, ao mesmo tempo, a angústia do filho em não corresponder às expectativas dos pais. É de fundamental importância que, neste momento de mudanças e expectativas, o professor favoreça ao educando um ambiente acolhedor e afetivo, proporcionando-lhe segurança física e emocional.

A afetividade é necessária na formação dos educadores, para assim ser realidade no ambiente escolar, pois ser afetivo é muito mais do que dar carinho, é estar próximo do aluno, é saber ouvi-lo, acreditar nele. A maneira com que o professor olha o seu aluno é fundamental para o sucesso da sua aprendizagem.

O ato de aprender sempre pressupõe uma relação com outra pessoa, a que ensina. Não há ensino sem professor. Por isso a pergunta: O que é aprender? Envolve a relação professor-aluno. Aprender é aprender com alguém.⁹

⁹ KUPFER *apud* LORENZONI, Nelnie Viale. *Vínculo afetivo e aprendizagem*. Porto Alegre: EST, 2004. p. 26.

1.1 Relação professor-aluno na escola atual

As relações professor-aluno são fundamentais ao favorecimento emocional e às condições de aprendizagem. O modo como se dá a relação professor-aluno pode influenciar positiva ou negativamente no aprendizado como fator de sucesso ou fracasso.

Somos profissionais do ensino, nossa tarefa é ajudar os alunos em seu aprendizado; buscamos seu êxito e não seu fracasso, e a qualidade de nossa relação com os alunos pode ser determinante para conseguir nosso objetivo profissional.¹⁰

A tarefa do professor não é fácil, uma vez que ele lida com sentimentos e emoções do ser humano, principalmente com alunos nas fases de infância e adolescência, nas quais há momentos de transição e de mudanças. Ao ingressar na escola, temos que considerar e respeitar a história que cada qual traz consigo, os conhecimentos e os valores socioculturais aprendidos no contexto familiar que, muitas vezes, podem entrar em conflito com os conhecimentos que a escola pretende transmitir. Não se pode ignorar que a primeira relação de aprendizagem de uma criança, que se torna aluno, ocorre a partir do vínculo familiar. É nesse vínculo afetivo que a criança tem acesso ao mundo simbólico, dando formas e significados às suas experiências. À medida que a criança vai se desenvolvendo, os vínculos afetivos vão se ampliando e a figura do professor surge com grande importância na relação de ensino e aprendizagem.

Na escola, segundo Alicia Fernandez,

[...] para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. [...] Não aprendemos de qualquer um, aprendemos daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar.¹¹

Quando o professor estabelece um clima de confiança e respeito com o aluno, ele passa a ser um grande intermediário entre esse aluno e o processo de aprendizagem. Este vínculo estabelecido entre educador e educando precisa continuar fortalecido nas relações dentro e fora da escola.

¹⁰ MORALES, Pedro. *A relação professor-aluno: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2006. p. 13.

¹¹ FERNANDEZ, Alicia. *Aprendizagem, mito e realidade. Paixão de aprender*, Porto Alegre, n. 1, p. 16-20, 1991.

Quando se atua em uma comunidade pequena, é possível observar¹² que a relação de afetividade, quando ela é estabelecida, estende-se para além da escola. É a partir das interações sociais que o vínculo também se estabelece, essas experiências passam a ser vividas em sala de aula, o que facilita a relação educador-educando.

Quando o ambiente familiar não é acolhedor, quando há negligência, falta de carinho, de amor, a escola passa a ser um espaço de grande importância para esse aluno. Ele procura um olhar afetivo no professor, como forma de pedir ajuda. Saltini afirma:

O professor, por sua vez, precisa conhecer a criança, não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na suas necessidades como criança que ri, que chora, dorme, sofre e que busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola.¹³

É na escola que a criança pensa encontrar tal resposta. Quando isso não ocorre, ela vai às ruas na expectativa de encontrá-la. Partindo desse pressuposto, é importante salientar que o aluno chega à escola aberto a receber e estabelecer laços afetivos com o professor. Ele quer ser acolhido. Esta relação afetiva leva o aluno a despertar para a curiosidade e para o aprendizado. É importante, também, que o professor, além de acolher bem o seu aluno, possua um conhecimento sobre a realidade dele, saber quais os valores que ele carrega consigo, qual o amparo afetivo e psicológico que a família lhe oferece, respeitando-o na sua individualidade, na sua maneira de ser. Um dos maiores problemas da escola é o professor considerar que todos os alunos são oriundos do mesmo meio, com características iguais, esquecendo-se das particularidades de cada qual.

Durante minha vivência como educadora em uma escola pública de Ensino Fundamental, tenho observado que o professor que estabelece um clima de confiança e respeito para com o aluno passa a ser um grande mediador das aprendizagens. A afetividade é um fator importante nas relações educacionais, tanto dentro quanto fora da escola. Segundo Leite e Tassoni,

¹² Atuo em uma Escola Municipal em um município pequeno.

¹³ SALTINI, Cláudio J. P. *Afetividade e inteligência*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997. p. 73.

[...] as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhimento, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto do conhecimento, como também afetam a sua auto-imagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões.¹⁴

Afetividade e aprendizagem devem andar juntas. Na teoria de Piaget, o desenvolvimento intelectual é considerado como tendo dois componentes: um cognitivo e outro afetivo. A afetividade é fundamental, não há aprendizagem sem vínculo afetivo entre professor e aluno. Considerando que o processo de aprendizagem acontece a partir das interações entre professor e aluno, este poderá ser fadado ao sucesso ou ao fracasso escolar. Muitos problemas podem surgir pela falta de afetividade, gerando insegurança, falta de entusiasmo para aprender. Portanto, cabe ao professor dar incentivo para que os alunos realizem as atividades, possibilitando-lhes o máximo de oportunidades de ação, encorajando-os a se conhecerem.

Alguns estudos desde os anos 1980 têm chamado a atenção para a dimensão das relações interpessoais entre professor e aluno, e tem revelado que a qualidade da relação professor-aluno em sala de aula é determinante do processo de aprendizagem.¹⁵

O professor deve manifestar a afetividade em todos os momentos no seu relacionamento com o aluno. A ausência de afetividade se reflete no estabelecimento de relações frias, sem comprometimento, sem retorno. No contexto escolar, a relação afetiva deve extrapolar a sala de aula, pois um aluno, professor ou funcionário que não estabelece relações de carinho com a escola, não expressará este carinho em suas atitudes. Um dos problemas que podem surgir da ausência da afetividade é a dificuldade de compreensão do aluno no processo e desenvolvimento da aprendizagem.

A qualidade das interações pedagógicas vai atribuir um sentido afetivo para os envolvidos, a partir das experiências vividas através de práticas que valorizem e respeitem culturas diferentes, ou seja, o oferecimento de situações de aprendizagem

¹⁴ LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. de A. (Orgs.). *Psicologia e formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 136.

¹⁵ SAWAYA *apud* OLIVEIRA, Maria Kohl de (Org.). *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002.

significativas e contextualizadas. A construção do afeto é fundamental, principalmente na Educação Infantil e nas séries iniciais, pois o aluno só se permite atingir seus objetivos se sente confiança no outro, se é bem aceito, acolhido e querido pelo outro. Tassoni defende em sua pesquisa que “é pela mediação do outro que as manifestações afetivas ganham significado e sentido”.¹⁶

1.2 Relação aluno-aluno na escola atual

Quando se fala em afetividade, não se pode esquecer que os alunos também se relacionam entre si em sala de aula e no ambiente escolar, de muitas maneiras. Cada vez mais, necessita-se de um olhar e uma atenção especial para essa relação. Trabalhar a afetividade na realidade em que nossos alunos se apresentam não é muito fácil: desemprego, fome, violência, problemas familiares, exclusão social, são alguns dos problemas que eles trazem para a sala de aula.

Ao iniciar o ano letivo, quando a escola se prepara para receber seus alunos, seria importante que a escola priorizasse a afetividade e a socialização. O aluno jamais esquece o que aprende com prazer e isso não pode ser ignorado pelo professor, estabelecendo desde o início laços que serão decisivos para um desenvolvimento de forma global.

O cotidiano escolar é o momento no qual se estabelecem relações e, portanto, conflitos também. Porém, alternados com momentos de afetividade. A afetividade é aprendida, percebida e manifestada por meio de emoções. Por isso, a escola é um cenário necessário para o desenvolvimento emocional da criança e do jovem. Cabe, porém, ao professor ter esse olhar e saber utilizá-lo no contato com seu aluno, Monte-Serrat destaca em seu livro que não se pode falar de educação sem levar em conta o fator afetivo, uma vez que recebemos o conhecimento por meio das relações com terceiros.¹⁷

Ao conversar com os alunos de séries finais do Ensino Fundamental sobre o relacionamento entre eles e o que esta relação contribui para o desenvolvimento da aprendizagem, eles disseram que muitos têm apenas uma relação de colegas, sem estabelecer vínculos de amizade. E ao realizar um trabalho de grupo, escolhido pelo

¹⁶ TASSONI *apud* LEITE, Sérgio Antônio da Silva (Org.). *Afetividade e práticas pedagógicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006. p. 51.

¹⁷ MONTE-SERRAT, 2007, p. 41.

professor, eles afirmam que o grupo se sente prejudicado porque “acabamos por não fazer alguma tarefa em razão de não conseguir escolher um grupo no qual temos afinidades”.¹⁸ O professor precisa ter a sensibilidade de lembrar que está lidando com jovens, com conflitos e expectativas, e é necessário sentir-se envolvido com seu aluno, entender a fase no qual ele se encontra. Os educandos hoje esperam muito mais do que conhecimento, eles necessitam ser escutados, eles querem atenção, porque a maioria não tem isso em suas casas. No entanto, o professor precisa transformar a ideia de trabalho de grupo em “trabalho em equipe”, aproveitar esse momento para um “outro tipo de aprendizado, importante em si mesmo e relacionado com a comunicação entre os alunos: aprender a escutar, a colaborar, a ajudar, a entender e a aceitar o outro”.¹⁹ Ou seja, aprender a conviver.

O professor atento e perceptivo reconhece que o espaço escolar é um lugar de desejos, afetos e também de conflitos. E é importante trabalhar as relações de conflito como um ato positivo ao desenvolvimento emocional e intelectual dos indivíduos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. O conflito faz parte da natureza, da vida das espécies, porque somente ele é capaz de romper estruturas pré-fixadas, limites pré-definidos. O conflito atinge os planos sociais, morais, intelectuais e orgânicos.

Os conflitos são essenciais ao desenvolvimento da personalidade, o conflito emocional estimula o desenvolvimento, pois resolvê-los implica manter o equilíbrio entre razão e emoção, o que levará a um maior amadurecimento tanto da afetividade quanto da inteligência. Só há conflito onde há diferença e o homem sendo um ser múltiplo e diversificado não tem como evitá-lo.²⁰

Os conflitos podem surgir a partir das disputas por lugares de preferência na sala de aula, por causa de apelidos, atitudes autoritárias de professores, por preconceito racial, religioso ou de gênero, diferenças de idade, situação financeira, etc. É de fundamental importância realizar um trabalho com os alunos, estabelecendo metas de construção de um bom convívio, induzindo-os a pensar e a refletir sobre seus atos e como construir uma base de convivência, pois quando não se estabelece uma mínima atmosfera de afetividade, a aprendizagem pode ser prejudicada. É grande a responsabilidade da escola e de toda a equipe pedagógica,

¹⁸ Fala de um dos alunos das séries finais.

¹⁹ MORALES, 2006, p. 153.

²⁰ ALMEIDA, 2007, p. 85.

principalmente nas salas de aulas em que se manifestam os preconceitos, as discriminações e os valores que trazem do seio familiar.

1.3 A afetividade em sala de aula

A afetividade é uma das características mais fundamentais da vida humana, pois o ser humano é um ser social em sua natureza. Ele se relaciona e constrói vínculos com outras pessoas.²¹ A afetividade é uma qualidade ou um caráter afetivo, que está ligada à afeição, à amizade e ao amor. Portanto, busca-se na afetividade todas as emoções que um ser humano possa alcançar, principalmente em um ambiente escolar, no qual estão envolvidos alunos e professor que são parceiros em um contexto social comum, o ambiente escolar.²²

Para Veiga, “a afetividade do ato de ensinar implica um trabalho de equipe, pois o processo que se vive em grupo é valorizado e colocado ao alcance dos participantes”.²³ A interação social e o trabalho em equipe que ocorre em sala de aula mostram a subjetividade e o afeto que existe entre os elementos que participam da interação. É recomendável que os aspectos da afetividade e das emoções sejam valorizados na relação professor-aluno, pois eles fazem a diferença nessa relação.

De acordo com Mahoney e Almeida, a afetividade é um elemento importante que aumenta a eficácia no processo de ensino e aprendizagem, tornando-se um dos recursos de fundamental importância para o professor. As autoras colocam alguns pontos no pólo de ensino, como objetivos a serem atingidos pelo professor. São eles os seguintes:

1. Para que o aluno aprenda, o professor deve confiar na sua capacidade;
2. O professor, ao ensinar, promove o desenvolvimento do aluno e o seu próprio;
3. Desempenhando as suas tarefas do cotidiano escolar, o professor revelará diferentes saberes, que são construídos no tempo, na socialização familiar, escolar, profissional e em uma interação que envolve os conhecimentos, as concepções, as crenças e os valores;
4. Em função dos contextos, as emoções e os sentimentos do professor podem variar de intensidade; porém, estão sempre presentes em toda a nossa vida.

²¹ GIANNOTTI, José Arthur. Res publica, res populi. In: FILOSOFIA POLÍTICA 1. Porto Alegre: L&PM, 1984. p. 77.

²² ALVES, Fernando Pereira. Capoeira na escola: entre o berimbau e o caderno. In: MONOGRAFIAS.COM. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos3/capoeira-na-escola/capoeira-na-escola.shtml>>. Acesso em: 7 out. 2010. p. 3.

²³ VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org). *Lições de didática*. Campinas: Papirus, 2006. p. 24.

Em relação à aprendizagem, temos um aluno que: a) procura a escola com diferentes motivações; b) de acordo com o seu momento de desenvolvimento, possui características próprias; c) nas suas condições de existência possui saberes próprios; d) as dimensões: afetivas, cognitivas e motoras funcionam de forma integrada.²⁴

As autoras veem a escola como um espaço no qual o professor e o aluno tenham oportunidades de participação em diferentes grupos. Isso é um elemento fundamental para o desenvolvimento de ambos. É nesse meio escolar em que professor e aluno são afetados um pelo outro, e ambos também são afetados pelo contexto em que estão inseridos.

Em relação à escola, as autoras acrescentam que “a não satisfação das necessidades afetivas, cognitivas e motoras prejudicam professor e aluno, e isso afeta diretamente o processo ensino-aprendizagem”.²⁵

Para Lorenzoni, a escola não valoriza um espaço alfabetizador afetivo, porque o prazer não está associado à escola.²⁶ A escola é apenas um lugar para aprender. O prazer deve ser sentido apenas em momentos de lazer. Desta maneira, professor e aluno fazem parte de um mundo escolar que não considera os aspectos afetivos no processo de ensino e aprendizagem.

Wallon e Vygotsky, de acordo com Leite e Tassoni, possuem pontos em comum quando o assunto é a afetividade, pois ambos possuem um caráter social para ela. Para os autores, Wallon e Vygotsky demonstram, cada um a sua maneira, que:

As manifestações emocionais são de caráter orgânico e vão ganhando complexidade, passando a atuar no universo do simbólico [...] defendem a íntima relação existente entre o ambiente cultural: social e os processos afetivos e cognitivos, afirmando também que ambos inter-relacionam-se e influenciam-se mutuamente.²⁷

²⁴ MAHONEY; ALMEIDA, 2007, p. 13.

²⁵ MAHONEY; ALMEIDA, 2007, p. 13.

²⁶ LORENZONI, 2004, p. 28.

²⁷ LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In: *VI Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional*, 2003. Salvador: Anais do VI Congresso da Abrapee, 2003. p. 1-17 Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASLAafetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2010. p. 9.

Para os autores Leite e Tassoni, a afetividade é marcante no trabalho pedagógico aplicado pelo professor, extrapolando a relação direta existente entre professor e aluno. Em relação às condições de ensino planejadas e desenvolvidas pelo professor, Leite e Tassoni procuram identificar possíveis consequências afetivas nos alunos. São elas:

1. Discussão da relação sujeito (aluno) e objeto (conteúdos escolares) em um dos aspectos essenciais, “o efeito afetivo das experiências vivenciadas pelo aluno, em sala de aula, na relação com os diversos objetos do conhecimento”,²⁸
2. O professor tem um papel fundamental na sala de aula quanto à qualidade da mediação vivenciada pelo aluno na relação com o objeto, pois é principalmente através das condições concretas de mediação, planejadas e desenvolvidas por ele, que o sujeito irá assumir a natureza da experiência afetiva, sendo ela com prazer ou com aversão;
3. É na mediação que surge a condição essencial para que ocorra a construção do conhecimento pelo sujeito;
4. Por também serem essencialmente de natureza afetiva, as condições de mediação vivenciadas pelo aluno na relação com o objeto, a cognição e a afetividade pertencem a uma mesma unidade. Essa unidade só irá acontecer quando o professor entender que o aluno, como ser humano, pensa e sente simultaneamente;
5. A afetividade participa integralmente do processo ensino e aprendizagem, não podendo mais restringi-lo apenas à dimensão cognitiva. É no planejamento educacional que “as condições de ensino e a relação professor-aluno devem ser pensadas e desenvolvidas levando-se em conta a diversidade dos aspectos envolvidos no processo”.²⁹

Leite e Tassoni identificam cinco decisões assumidas pelo professor no planejamento e desenvolvimento de um curso, que certamente terão implicações afetivas, interferindo na relação entre o aluno e o objeto de estudo:

1. Qual a direção a ser seguida nas escolhas dos objetivos de ensino?³⁰

Ao escolher os objetivos de ensino, o professor ou a equipe técnica de trabalho que pertence à escola toma decisões que sempre refletem valores, crenças e determinadas concepções de quem decide. Essas decisões implicam a afetividade do aluno, principalmente quando ele é obrigado a envolver-se com temas que não têm relação alguma com as práticas sociais em que vive. Uma escola que tem como metas principais, nos objetivos de ensino, o exercício da cidadania e conteúdos

²⁸ LEITE; TASSONI, 2003, p. 15.

²⁹ LEITE; TASSONI, 2003, p. 16.

³⁰ LEITE; TASSONI, 2003, p. 16.

relevantes, tende a acrescentar nos alunos os vínculos afetivos entre o sujeito e os objetos de conhecimento.

2. Lugar de partida: o educando como referência.

O professor deve ter como ponto de partida para a aprendizagem do aluno, o que ele já sabe, ou seja, o planejamento do ensino realizado pelo professor deve ser realizado a partir do que o aluno já conhece, aumentando consideravelmente o desenvolvimento de uma aprendizagem sobre o objeto em questão, marcando o sucesso do aluno em adquirir o conhecimento desejado. O sucesso alcançado pelo aluno em relação à aprendizagem também tem implicações afetivas, pois é inegável que o aluno, além de conhecimentos do objeto em questão, é possuidor de emoções, de sentimentos e de paixões.

3. Qual é a melhor maneira de organização dos conteúdos?

Ao organizar os conteúdos de um curso, o professor que respeita a lógica da organização do conhecimento na área em estudo facilita o processo de aprendizagem por parte dos educandos. Por outro lado, se houver a falta dessa organização lógica dos conhecimentos na área de estudo, pode ser gerado um aumento nas possibilidades de fracasso por parte dos educandos, tendo como consequência disso o agravamento das relações entre estes e o objeto em estudo.

4. Qual o método de escolha dos procedimentos para as atividades de ensino?

Não é possível deixar de discutir os aspectos afetivos quando se trata da escolha dos procedimentos e atividades de ensino, pois esses aspectos envolvem a relação professor-aluno, que são observáveis e geram efeitos identificáveis na própria situação. Porém, a escolha dos procedimentos e das atividades de ensino nem sempre apresenta dimensões afetivas identificáveis. Quando o professor propõe uma situação de ensino com objetivos relevantes, mas com atividades inadequadas para os alunos, “é óbvio que nessas condições, a natureza da relação que se estabelece entre o aluno e o objeto podem apresentar um nível de

adversidade que, no final do processo, leva o aluno a expressar a intenção de nunca mais se relacionar com aquele objeto”.³¹

5. Como realizar a avaliação dos educandos?

A avaliação escolar é citada como um dos principais fatores pelo fracasso escolar de grande parcela da população dos alunos que fazem parte do sistema educacional. De acordo com a lógica do modelo tradicional, a avaliação é direcionada contra o aluno, ou seja, o professor ensina e avalia. “Se o aluno for bem, é sinal de que o professor ensinou de forma adequada; se o aluno for mal, é o único responsabilizado, podendo ser reprovado ou excluído”.³² Nesta ótica, o ensino é exclusividade do professor e a aprendizagem é dever do aluno, tornando-os independentes.

Em uma sociedade democrática, a avaliação só terá sentido se o aluno se apropriar do conhecimento do objeto em estudo, possibilitando um crescente relacionamento afetivo entre o sujeito e o objeto em questão. Neste sentido, para os autores, “a avaliação deve ser planejada e desenvolvida como um instrumento sempre a favor do aluno e do processo de apropriação do conhecimento”.³³

A vida que se apresenta em sala de aula é definida e redefinida a todo o momento, revelando os contornos de uma interação que sempre está em construção. Chalita, em seu livro *Educação: a solução está no afeto*, revela que na sala de aula mesmo se encontra o ambiente em que surgem ao mesmo tempo os problemas e as soluções. Por isso, o professor tem que ter um olhar cuidadoso e buscar alternativas para envolver a turma: “O desafio está em saber que a cada nova turma surgem outras experiências de vida, outros anseios, outras expectativas. Em suma, é preciso saber que tudo muda e, se assim é, a forma de dar aula também muda”.³⁴

³¹ LEITE; TASSONI, 2003, p. 19.

³² LEITE; TASSONI, 2003, p. 19.

³³ LEITE; TASSONI, 2003, p. 20.

³⁴ CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2001. p. 140.

2 AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E A AFETIVIDADE: CONTRIBUIÇÕES E PERSPECTIVAS

Paulo Freire afirma que “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje”.³⁵

Vive-se em um contexto social em que o individualismo e a busca pelo poder e pelo sucesso são colocadas em primeiro plano, esquecendo as relações humanas, a importância do outro, a importância do viver coletivo. A escola está inserida neste contexto, sofrendo as influências desta sociedade, muitas vezes, exercendo a função das famílias na educação de seus filhos, em que a afetividade deve estar presente em todos os momentos, dentro da escola, nas relações do professor com seu aluno, bem como no ato de ensinar. Em seu livro *Afetividade e práticas pedagógicas*, Leite diz:

A afetividade constitui-se como um fator de grande importância na determinação da natureza das relações que se estabelecem entre os sujeitos (alunos) e os demais objetos de conhecimento (áreas e conteúdos escolares), bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas. É possível, assim, afirmar que a afetividade está presente em todos os momentos ou etapas do trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor, e não apenas nas suas relações tête-a-tête com o aluno.³⁶

O professor é um importante mediador para o aluno no processo de aprendizagem e em seu desenvolvimento como ser humano, através da sua interação e da sua prática pedagógica.

Tassoni, nas suas pesquisas de mestrado sobre *Afetividade e produção escrita: a mediação do professor em sala de aula*, centrou-se nas relações em sala de aula entre professores e alunos, buscando identificar nas relações o que poderia considerar como afetivo:

Os próprios alunos, durante o processo de coleta de dados, apontavam comportamentos do professor que influenciavam a aprendizagem; ou seja, os alunos apontavam aspectos das relações de sala de aula, entre eles e o

³⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 29.

³⁶ LEITE, 2006, p. 24.

professor, que afetavam positivamente a sua relação com os objetos de conhecimento em questão.³⁷

Neste sentido, pode-se afirmar que o papel do professor em sala de aula é fundamental, pois, além de ter como tarefa a iniciação de novas informações, de novos conhecimentos, ele tem a tarefa de promover o desenvolvimento humano através da aprendizagem. A sua ação pedagógica é o compromisso com o processo de ensino e aprendizagem, é preciso ter um conhecimento profundo sobre seu aluno, acreditar na capacidade de pensar do seu aluno, a fim de despertar a atenção, a imaginação e o prazer, para que ele possa se apropriar do conhecimento; ele deve ser preparado para ser o autor de sua aprendizagem com a orientação do professor. Segundo Vasconcelos,

[...] o aluno vai construindo o conhecimento a partir do seu contato, de sua interação com a realidade. O professor tem aqui um papel fundamental que é de dispor a realidade para o aluno: que tipo de realidade o aluno vai ter contato? Esta é uma grande responsabilidade do professor enquanto articulador do processo ensino-aprendizagem. O aluno não aprende só na escola; ocorre que na escola as atividades são programadas, planejadas, intencionais. O professor de forma intencional dispõe certas condições da realidade para que o aluno construa seu conhecimento.³⁸

Durante minha atuação como orientadora educacional, quando solicitada à sala de aula, observo que o professor que se preocupa com o seu trabalho pedagógico, em organizar a sala de aula, com a metodologia que vai utilizar para introduzir um novo conteúdo, escolha de materiais, procedimentos de avaliação, facilita a compreensão dos conteúdos pelos alunos, levando-os a sentirem-se motivados e satisfeitos. Isso produz a elevação da auto-estima e, conseqüentemente, ao sucesso no processo de ensino e aprendizagem. Leite chama a atenção: “a afetividade está presente em todas as principais decisões de ensino assumidas pelo professor, constituindo-se como fator fundante das relações que se estabelecem entre os alunos e os conteúdos escolares”.³⁹

O tema em questão é extenso e provoca muitas abordagens e reflexões. Dentro do contexto educacional, discute-se muito a didática, a metodologia de ensino usada pelos educadores. O foco principal está baseado na busca de um

³⁷ TASSONI *apud* LEITE, 2006, p. 48.

³⁸ VASCONCELLOS, Celso dos S. *Construção do conhecimento em sala de aula*. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2000. p. 63.

³⁹ LEITE, 2006, p. 80.

ensino de qualidade. Ao longo dos anos a discussão do processo de ensino aborda diferentes aspectos. Mizukami destaca cinco abordagens: tradicional, comportamental, humanista, cognitivista e sociocultural.⁴⁰

Abordagem tradicional: nesta abordagem, o ensino é centralizado no professor; ele transmite conhecimento e o aluno deve memorizá-lo. O professor detém o saber e a autoridade; ele dirige o processo de aprendizagem, tomando decisões quanto à metodologia, ao conteúdo, à avaliação e à interação na sala de aula. O aluno, nesta relação, tem o papel de receptor, cabendo a ele assimilar os conhecimentos que lhe foram transmitidos.

Abordagem comportamental: o processo de aprendizagem é de responsabilidade dos alunos, o conhecimento é o resultado, em que o comportamento é modelado e reforçado através do planejamento e do controle do professor. A interação entre professor e alunos tem como base a organização curricular, que deverá encaminhar o aluno a alcançar o objetivo desejado e programado pelo professor. “O professor é um planejador do ensino e da aprendizagem que trabalha no sentido de dar maior produtividade, eficiência e eficácia ao processo, maximizando o desempenho do aluno”.⁴¹

Abordagem humanista: para Mizukami, esta abordagem se processa através das qualidades pessoais do professor, da sua maneira como se inter-relaciona e o seu relacionamento com o aluno.⁴² O professor é o facilitador da aprendizagem; procura manter uma relação empática, compreendendo os sentimentos e os problemas de seus alunos. A aprendizagem tem como objetivo os conhecimentos de maior significado para o aluno. Carl Rogers afirma que somente quando a aprendizagem está de acordo com os objetivos pessoais do aluno será significativa e poderá realizar-se rápida e efetivamente.⁴³

Abordagem cognitivista: nesta abordagem, o professor é definido como orientador, coordenador e investigador no processo ensino e aprendizagem. Nesta abordagem, o aluno é levado a tornar o seu trabalho mais independente possível. Em sua convivência com alunos, o professor deve observar e analisar o

⁴⁰ MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986. p. 7.

⁴¹ MIZUKAMI, 1986, p. 19

⁴² MIZUKAMI, 1986, p. 19.

⁴³ ROGERS *apud* MOREIRA, Virgínia. *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia*. São Paulo: Annablume, 2007. p. 81.

comportamento deles e tratá-los de acordo com suas características peculiares dentro de sua fase de evolução. O professor mantém um convívio com os alunos; observa os seus comportamentos, conversa com eles, troca experiências e, assim, auxilia sua aprendizagem e seu desenvolvimento. Proporciona aos alunos atividades desafiadoras com o objetivo de levá-los a investigar, a pensar e a construir uma resposta satisfatória.

Abordagem sociocultural: segundo Mizukami, professor e alunos aprendem juntos, o conhecimento é construído, é compartilhado. O professor não impõe seus conhecimentos, mas sim valoriza a cultura e a linguagem do aluno. Neste processo, os educandos são partes do processo de aprendizagem, destacando a cooperação e o trabalho coletivo.

A interação existente entre educador e educando se faz presente em todas as abordagens pedagógicas. Não é possível apreciar ou julgar qual a pior ou melhor abordagem; elas surgem em decorrências ideológicas, sociais, culturais e históricas e transformam a escolha do ensino e da prática pedagógica, trazendo contribuição no processo de ensino e aprendizagem.

Assim, a prática pedagógica do professor, embasada no seu próprio conhecimento e na proposta pedagógica da escola, oferece atividades inovadoras e diversificadas que envolvem o educando em situações de ler, observar, refletir, anotar, levando-os ao processo de construção.

2.1 As práticas pedagógicas nas diferentes escolas: escola tradicional, escola nova e escola tecnicista

Aranha, em seu livro, aborda as concepções liberais do século XX, fazendo uma análise das diferentes tendências no decorrer dos séculos XVI até o século XX. Neste período, enquanto a sociedade se industrializava, tornando mais complexa a vida urbana, a educação exigia reformas educacionais que se expressaram em diversas teorias pedagógicas e inúmeras experiências escolares afetivas.⁴⁴

⁴⁴ ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da educação*. São Paulo: Moderna, 2006. p. 223.

Escola tradicional: desde o século XVI até o XX, a escola tradicional sofreu críticas e transformações, sendo vista com desprezo por conta de sua avaliação negativa.⁴⁵

- O professor é o transmissor de conhecimento, ele detém o saber e a autoridade, dirige o processo de aprendizagem e se apresenta como modelo a ser seguido. Como consequência disto, tem o aluno como um simples receptor da tradição cultural, passivo ao que lhe é apresentado. Nessa relação, professor e aluno são hierárquicos;
- A metodologia é ditada de maneira homogênea, sem atenção especial para as diferenças individuais;
- O conteúdo selecionado visa a assimilação dos conhecimentos, sem levar em conta o conhecimento de vida de cada aluno e nem mesmo os problemas cotidianos atuais;
- A avaliação é visada somente superestimando a assimilação através da memória, as provas são o instrumento central de avaliação. O aluno precisa sempre estudar o que será avaliado, ou seja, estudar para a escola;
- Os alunos seguem as regras “ditadas”, tendo assim uma disciplina rígida mantida pela intimidação.

Escola nova: a Escola Nova surgiu no final do século XIX, para propor novos caminhos à educação.⁴⁶

- O indivíduo é levado a aprender, preparando-se para uma sociedade dinâmica, que muda constantemente, indo além da fixação de conteúdos predeterminados para a democratização do ensino, para que assim pudesse haver uma mobilidade social, na qual o aluno vive e interage no mundo em que está inserido;
- Na relação professor aluno, o aluno é o centro do processo e o professor tenta despertar sua atenção e curiosidade, sem tirar sua espontaneidade, facilitando a aprendizagem;
- O conteúdo precisa ser compreendido e não decorado. Neste sentido, as escolas privilegiam a pedagogia da ação e passam a ter ambientes facilitadores para que a aprendizagem ocorra como experiências concretas: laboratórios, hortas, etc.;
- A metodologia de aprender fazendo, educação física. Assim sendo, o corpo é valorizado, desenvolvendo a motricidade e esta maneira de ensinar dá importância aos sentimentos, emoções e ações. Neste método, o ritmo individual do aluno é respeitado, não deixando de lado os trabalhos em grupo, importantes para a socialização das experiências;
- A avaliação é vista com um ato importantíssimo para o próprio aluno e esta etapa não afere apenas os aspectos intelectuais, mas também as atitudes e a aquisição de habilidades, levando em conta a cooperação e solidariedade do grupo;
- No Brasil, o movimento da Escola Nova só começou na década de 1920, com diversas reformas esparsas do ensino público. Em 1932, através do Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira e

⁴⁵ ARANHA, 2006, p. 224.

⁴⁶ ARANHA, 2006, p. 225.

Lourenço Filho), houve uma tomada de consciência da defasagem existente entre a educação e as exigências do desenvolvimento;

- Ao ideário da Escola Nova foram incorporadas outras teorias, tais como as de Jean Piaget e de Jerone Brunner.

Escola tecnicista: por ocasião do golpe militar, houve a tentativa de implantação da tendência tecnicista.⁴⁷ A partir da década de 1960, através da convicção de que a escola só se tornaria eficaz se adotasse o modelo empresarial, assumindo um objetivo centrado no sistema de produção capitalista:

- Seu objetivo é focar o ensino às exigências da sociedade industrial e tecnológica, visando formar mão de obra qualificada para indústria;
- O conteúdo objetiva a adaptação do indivíduo ao trabalho e ao saber científico exigido pela moderna tecnologia, o conhecimento é compreendido como “descoberta” de algo que se acha fora do sujeito;
- Os meios didáticos utilizados passam a ter a utilização de filmes, slides, máquinas de ensinar, telensino (ensino a distância), módulos de ensino, computadores, etc.;
- O professor é um técnico que transmite conhecimentos técnicos e objetivos. Sendo assim, há um distanciamento afetivo entre professor e aluno.

Considero muito presente em nosso contexto atual os “resquícios”, as influências da Escola Tradicional, da Escola Nova e da Escola Tecnicista. Todas tiveram seus aspectos positivos. Estas ideias e pensamentos perduram por um determinado momento, geralmente sendo substituído por um ideal opositor, mas também com chances a retornar e predominar em um momento ou período posterior.

Acredita-se que o êxito da educação estaria em conseguir extrair de cada escola os seus aspectos positivos, reformulando o que necessita ser reformulado, ao invés de simplesmente substituir uma ideia ou um pensamento por outro completamente diferente, como tem acontecido ao longo dos anos.

Aranha nos faz refletir sobre as práticas pedagógicas existentes ao longo dos anos. Porém, se a Escola Nova surgiu ainda no final do século XIX trazendo com ela todas as reformulações de ideais e pensamentos que se julgava necessário para uma sociedade em constante transformação, por que ainda temos tantos educadores e instituições educacionais que agem como se ainda estivéssemos na Escola Tradicional? Que processos influenciam para que os educadores permaneçam com pensamento e atitude da Escola Tradicional e não evoluam para a

⁴⁷ ARANHA, 2006, p. 231.

Escola Nova? O “afrouxamento” das normas rígidas, proposto através da Escola Nova, poderia ter influenciado no aumento da indisciplina e na própria violência, presente nas nossas escolas e na sociedade em geral, nos tempos atuais?

Através da leitura deste capítulo, pode-se concluir que a escola sofre as influências dos pensadores de cada época, do contexto sociopolítico, ou seja, a escola não é uma instituição neutra, ela sofre as influências do meio no qual está inserida e também exerce influência neste meio.

Percebe-se ainda que tanto a pedagogia ligada à Escola Tradicional quanto a pedagogia contemporânea ainda não conseguiram suprir as necessidades e demandas da escola atual. Desde as carências afetivas das crianças, dificuldades em relação a limites, falta de estímulo no ambiente familiar, até o déficit de dedicação dos professores. Portanto, ainda precisa-se evoluir e encontrar soluções viáveis e reais para a crise em que se encontram a maioria das instituições escolares, que culmina com a desmotivação dos alunos e, conseqüentemente, a desqualificação educacional.

2.2 A inclusão através da prática pedagógica

O professor tem que estar comprometido com as mudanças, deixar as posturas tradicionais que apenas depositam informações nos alunos e considerar a afetividade.

A sala de aula constitui-se em um espaço de relações de poder, de defesa de ideias, de idealização de sonhos e de projetos, no qual alunos e professores exercem *status* intelectuais diferentes e têm um papel social a desempenhar nesta relação. Compete ao professor saber coordenar essas relações e promover um ambiente agradável e produtivo nesse ambiente educativo. Para Veiga,

[...] o ambiente da sala de aula é um espaço de vida coletiva, um espaço de relações únicas e originais, semelhantes a um ecossistema para a intensificação da aprendizagem, em que os vínculos dos alunos e dos professores com o conhecimento são acentuados.⁴⁸

É na escola que alunos e professores vivenciam suas necessidades e verificam suas possibilidades de mudanças. A sala de aula é um espaço de inclusão

⁴⁸ VEIGA, 2006, p. 105.

de pessoas com diferentes valores e formas de viver, simbolizando as diferenças culturais na diversidade, porém, capazes de tornar possível a relação e a vida em sociedade e, conseqüentemente, o crescimento e o desenvolvimento da espécie humana com toda a sua diversidade e intencionalidade. Veiga argumenta que “o espaço de ensino é revelador de intencionalidade, permeado de valores e, contradições, afinal, ensinar implica estabelecer relações concretas entre as pessoas”.⁴⁹

Neste sentido, é importante o professor saber expressar afetividade pelos alunos, através da sua prática pedagógica, já que, ensinar é trabalhar e se relacionar com seres humanos, o que sugere um professor portador de equilíbrio emocional, que lhe assegure convivência tranquila com a diversidade existente na sala de aula. Nesta perspectiva, é interessante que o professor aprenda a respeitar as diferenças entre alunos, suas ideias, ou entre os grupos que compõem esse espaço, pois, a sala de aula se apresenta como um complexo e grande desafio ao desenvolvimento do conhecimento, demonstração da inteligência e compreensão do mundo em sua totalidade, é importante que o professor esteja atento e preparado. Casassus destaca o papel do professor como um dos fatores que influem no sucesso da aprendizagem:

A qualidade da aprendizagem dos alunos é em grande parte influenciada pela qualidade dos processos que ocorrem em sala de aula, e a qualidade dos processos de aula passa pela compreensão que os docentes têm do que ocorre lá. Grande parte do que acontece numa sala de aula depende do que pensam e fazem os professores.⁵⁰

Assim, torna-se importante que o professor tenha formação que lhe garanta condições, para que ele possa ter consciência do seu papel, do seu compromisso com a educação, com os sujeitos com os quais trabalha e com a transformação da sociedade, pois o professor é um ser capaz de estabelecer relações de respeito para com seus alunos, para que esses possam também respeitá-lo em seu saber e modo de ser.

Partindo da realidade de que muitos adolescentes abandonam a escola, o desafio do professor é motivar o seu aluno, através da sua prática, a atingir o sucesso escolar. Menegolla questiona o ensino: “Será que todas as crianças são

⁴⁹ VEIGA, 2006, p. 20.

⁵⁰ CASASSUS, Juan. *A escola e a desigualdade*. Brasília: Líber/Unesco, 2007. p. 115.

iguais e necessitam aprender as mesmas coisas?”.⁵¹ O autor se refere à escola como um momento:

A escola, para a grande maioria das crianças, é apenas um momento. Um momento, breve, mas de enorme importância. A escola deveria se perguntar sobre O QUE ENSINAR a essas crianças, enquanto estão na escola, para que possam enfrentar a vida... Mas a escola não analisa as formas possíveis de aprender a viver. Ensina o saber pelo saber e não o saber da vida para a vida que deseja viver.⁵²

Toda ação pedagógica deve estar relacionada com os objetivos propostos pelo professor, pelo aluno e pela escola. Desta relação vai depender o sucesso ou o fracasso do processo de ensino e aprendizagem, podendo gerar a evasão escolar ou, em outras palavras, a exclusão da escola. Enquanto a escola não encontra uma forma de ensino, ou uma metodologia que atinja a todas as crianças, ela “faz a seleção dos mais aptos e a exclusão dos demais através da reprovação”.⁵³

⁵¹ MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. *Didática: aprender a ensinar*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 28.

⁵² MENEGOLLA; SANT'ANNA, 1989, p. 29.

⁵³ FRISON, Marli Dallagnol. A exclusão social da/na escola. In: BONETI, Lindomar Wessler (Org.). *Educação exclusiva e cidadania*. Ijuí: Unijuí, 2003. p. 105.

3 A ESCOLA AFETIVA: UM SONHO POSSÍVEL

O ser humano está inserido em um contexto social, político e econômico, que vem sofrendo grandes mudanças. Essas mudanças interferem no modo de agir, de cada ser, muitas vezes contribuindo no surgimento do individualismo, na falta de cooperação, na falta de solidariedade e, principalmente, na falta de afetividade entre as pessoas. E dentro deste contexto encontramos a escola, no qual o sujeito passa boa parte de sua vida. Almeida revela que

[...] a criança, quando vai para a escola, leva consigo tanto os conhecimentos já construídos, quanto os prelúdios de sua vida afetiva. Tais aspectos se interpenetram dialeticamente, interagindo de maneira significativa sobre a atividade do conhecimento.⁵⁴

Faz-se necessário que o ambiente escolar propicie um espaço alegre que proporcione, além do conhecimento, o desenvolvimento da solidariedade e do afeto. É no espaço escolar que a convivência, a cooperação e a troca de afetos nos tornam mais humanos. É preciso que a escola possibilite uma educação que tenha como base uma visão holística,⁵⁵ porém, respeitando cada pessoa na sua individualidade.

Partindo desse respeito mútuo, a escola segue abrindo mais espaço para a troca de experiências e saberes, proporcionando ao educando conhecimento para compreender o mundo no qual está inserido e traçar um projeto de vida, tanto pessoal quanto profissional. Para isso, a escola precisa contribuir com o seu papel socializador e humanizador, estimulando e buscando, junto com as pessoas que nela convivem, novos paradigmas e alternativas capazes de gerar mais calor humano, mais afetividade. Restrepo destaca no seu livro a importância do afeto nas relações sociais:

É pertinente lembrar que o que nos resta depois de muitos anos de formação na escola ou na universidade, de convivência na rua ou na

⁵⁴ ALMEIDA, 2007, p. 13.

⁵⁵ Por holístico procura-se entender a realidade integral do ser humano, sua vida envolta em uma realidade ampla e abrangente na qual estão envolvidos, de maneira intrínseca, os muitos aspectos sociais, culturais, religiosos, políticos, econômicos e geográficos que perfazem a sua construção subjetiva. NÓBREGA, Lopes D Neto. Holismo nos modelos teóricos de enfermagem. In: *Revista Brasileira de Enfermagem* (REBEn) Brasília, abr/jun, p. 233-42, 1999. p. 236.

família, não são tanto cadeias de argumentos ou blocos de informação, mas a lembrança de um clima afetivo e interpessoal que podemos respirar.⁵⁶

Algumas instituições educacionais preocupam-se com o conteúdo, com a quantidade de informações que irão transmitir, esquecendo-se de estabelecer um vínculo afetivo entre a criança e a escola. Assim, aquilo que deveria ser um lugar de prazer, passa a ser um lugar de desprazer e de frustrações. A escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas um lugar de solidariedade, participação, compromisso, respeito, alegria e prazer.

As escolas devem ser afetivas. É muito importante que a criança se sinta amada no ambiente escolar, pois, muitas vezes, essa afetividade não é encontrada em casa, então é natural que ela venha na expectativa de encontrar na escola, na figura do professor, o afeto de que necessita para se desenvolver de forma saudável. É também no espaço escolar que o aluno aprende sobre valores, amizade, sobre grupo, sobre gostar, namorar, além dos aspectos cognitivos. “A escola hoje tem de se conscientizar de que é uma instituição afetiva, que complementa a família”.⁵⁷

O desafio maior da escola atualmente é se atualizar de forma a suprir as necessidades presentes em um contexto pós-moderno, necessidades estas relacionadas ao resgate de valores, do sentido de ser gente, esquecido e ofuscado em uma sociedade capitalista, materialista e individualista, que não tem promovido a solidariedade e a responsabilidade coletiva na busca de bem viver.

Com uma experiência acumulada de 32 anos, atuando na área da educação em escolas públicas, venho observando e analisando os problemas que surgem no cotidiano escolar. Entre eles: alunos agressivos, desmotivados para aprender, alguns com baixa auto-estima, etc. Fico a pensar: a escola não deveria ser um espaço de prazer? Onde está a causa de tanta desmotivação? Será que é nos currículos escolares? Ou seria na fragilidade das relações?

O currículo das escolas atuais, na grande maioria, valoriza o desenvolvimento cognitivo, sem levar em conta a emoção, a afetividade, os valores, a história de vida que cada aluno traz consigo. Rubem Alves destaca, em um de seus livros, a experiência da Escola da Ponte, na qual “o currículo não é o professor,

⁵⁶ RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 58.

⁵⁷ CAPELATTO, Ivan. *Diagnósticos sobre a afetividade*. Campinas: Papirus. 2007. p. 63.

mas o aluno. A educação naquela escola, mais do que um caminho, é um percurso – e um percurso feito à medida de cada educando e, solidariamente, partilhado por todos”.⁵⁸

Ainda continuamos com uma educação tradicional, em que o professor é transmissor de conhecimento, detendo o saber e a autoridade. O professor dirige o processo de aprendizagem e se apresenta como modelo a ser seguido. O aluno passa a ser um simples receptor da tradição cultural. A metodologia é ditada de maneira homogênea, sem se preocupar com as diferenças individuais. O conteúdo selecionado visa a sua assimilação, sem levar em conta o conhecimento de vida de cada aluno e nem mesmo os problemas cotidianos e atuais, nos quais eles estão inseridos. Segundo indica Apolonário, “o conteúdo ministrado pelo professor deve, necessariamente, ter ligação com a realidade do aluno, sabendo o professor, inclusive, explicar o porquê daquele conteúdo e não sair evasivo, quando questionado”.⁵⁹

A avaliação é visada somente através da memória, sendo que o instrumento central é a prova. O aluno precisa estudar o que será avaliado, ou seja, estudar o que a professora quer saber.

A escola afetiva deve ser uma escola com novas propostas, vendo o aluno como centro do processo; o professor deve despertar sua atenção e curiosidade, sem tirar sua espontaneidade. O aluno é provocado a “aprender fazendo”, o professor é apenas um facilitador da aprendizagem, preparando-o para uma sociedade dinâmica, que muda constantemente, indo além da fixação de conteúdos pré-determinados, democratizando o ensino, para que assim possa haver uma mobilidade social, uma vez que o aluno vive e interage no mundo em que está inserido. Pacheco diz que a Escola dos sonhos existe, ele se refere à Escola da Ponte e chama a atenção, lá

[...] é o sujeito que se constrói na atribuição de significado ao conhecimento coletivamente produzido. Os professores acrescentaram às tradicionais dificuldades de aprendizagem dos alunos o reconhecimento das suas próprias dificuldades de ensino. E procuraram concretizar um ensino diferenciado em que um mesmo currículo para todos os alunos é desenvolvido de modo diferente para cada um. Não há um professor para

⁵⁸ ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papyrus, 2001. p. 17.

⁵⁹ APOLONÁRIO, Maurício. *A arte da guerra para professores*. Brasília: Thesaurus, 2007. p. 179.

cada turma, nem uma distribuição de alunos por anos de escolaridade. Essa subdivisão foi substituída, com vantagens, pelo trabalho em grupo heterogêneo de alunos. Dentro de cada grupo, a gestão dos tempos e espaços permite momentos de trabalho em pequeno grupo, de participação no coletivo, de “ensino mútuo”, momentos de trabalho individual, que passa sempre por atividades de pesquisa. A educação e a instrução acontecem.⁶⁰

Neste contexto, o conteúdo precisa ser compreendido e não decorado. Neste sentido, as escolas privilegiam a pedagogia da ação e passam a ter ambientes facilitadores para que a aprendizagem ocorra. A avaliação deve ser vista como um ato importantíssimo para o próprio aluno, não considerando apenas os aspectos intelectuais, mas também as atitudes e a aquisição de habilidades, levando em conta a cooperação e a solidariedade do grupo. Para que ocorra isso, educadores e instituições necessitam acompanhar a sociedade, que está constantemente em transformação, acompanhar os recursos e meios de tecnologia e informação disponíveis, a fim de transformar a escola em uma instituição mais humana, na qual os alunos sintam prazer em estudar. Para Rubem Alves, a transformação da escola só pode ser realizada por aqueles que nela vivem e trabalham diariamente: “Eu acredito que a transformação da escola passa pela transformação das maneiras de sentir e de pensar dos professores”.⁶¹

Quando se fala em escola afetiva, estamos falando no que é ideal, em um sonho que é possível através do comprometimento de todos: escola e comunidade. É através da participação, da reflexão, da discussão que educadores e gestores apoiados pela comunidade escolar que poderão concretizar o sonho da escola afetiva.

3.1 O papel do educador na escola afetiva

Diariamente, venho me questionando sobre o papel da escola e do professor em fazer uma educação mais afetiva, mais humana, menos resistente a mudanças.

Ao longo destes 32 anos de caminhada na educação, nos quais já atuei como regente de classe e atualmente como orientadora educacional, venho participando e observando o dia a dia do professor no seu contexto escolar, tanto do professor que atua nos anos iniciais, quanto do que atua nos anos finais. Sentindo-

⁶⁰ PACHECO *apud* ALVES, 2001, p. 104-105.

⁶¹ ALVES, Rubem. *Alma de educador*. Disponível em: <<http://almadeeducador.blogspot.com/2008/03/frases-da-educao0003.html>>. Acesso em: 11 de out. 2009.

me, muitas vezes, incomodada, passei a contestar a forma e a prática que muitos colegas desenvolvem no seu dia a dia, no seu “ato de educar”.

Talvez hoje, com mais experiência, eu sinta necessidade de uma prática diferente das velhas práticas que também utilizei e dos muitos erros que cometi. Em novos tempos, com novos recursos, é preciso que novas práticas se façam presentes. É imprescindível pensar a importância da “ação pedagógica” como facilitadora de uma educação mais humana.

Os desafios de uma prática transformadora são grandes, mas o professor, sendo ele crítico e sonhador desta realidade, necessita sair deste “comodismo”.

Segundo Freire, “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”.⁶² O professor tem que ter consciência do seu papel como “sujeito do processo”, transformando a sua sala de aula em um espaço para reflexão e compreensão do mundo, das desigualdades sociais.

Voltando às considerações de Freire, “o professor que pensa certo deixa transparecer aos educandos que uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo”.⁶³

A educação, como afirma Paulo Freire em *Pedagogia da autonomia*, não é neutra e se constitui em um ato político. É papel de o professor ensinar o aluno a descobrir esta realidade e construir formas de participar e transformar seu mundo. Segundo Paulo Freire,

[...] toda prática educativa demanda a existência de sujeitos, um que, ensinando, aprende, outro que, aprendendo, ensina. Daí seu cunho gnosiológico; a existência de objetos, conteúdos a serem ensinados e aprendidos; envolve o uso de métodos, de técnicas, de materiais; implica, em função de seu caráter *diretivo*, objetivos, sonhos, utopias, ideais. Daí a sua *politicidade*, qualidade que tem a prática educativa de ser política, de não poder ser neutra.⁶⁴

⁶² FREIRE, 1997, p. 29.

⁶³ FREIRE, 1997, p. 31.

⁶⁴ FREIRE, 1997, p. 77-78.

A organização da prática pedagógica reflete no trabalho do professor, no seu modo de agir. Pode-se dizer que a educação tradicional ainda impera na maioria das escolas, em que o ato de ensinar é transferir conhecimentos, desta maneira o professor está se distanciando cada vez mais do seu aluno, impondo sua autoridade, e o aluno passa a ser um depósito de informações. Para Freire, o professor precisa saber que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.⁶⁵

O grande desafio do professor hoje é, além da teoria, do conhecimento, se utilizar de uma metodologia que alcance a todos os alunos, rompendo com as aulas tradicionais e ousando inovar.

O processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a ‘paixão de conhecer’ que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil. Por isso é que uma das razões da necessidade de ousadia de quem se quer fazer professora, educadora é a disposição pela briga justa e lúcida em defesa de seus direitos como no sentido da criação das condições para a alegria da escola.⁶⁶

Percebe-se que não existe uma concordância entre a fala do professor e a sua prática pedagógica. Teoricamente, muitos professores apresentam um discurso, são críticos. Porém, na sala de aula, através dos planejamentos, nas suas práticas autoritárias, nas avaliações discriminatórias, cometem verdadeiros crimes contra os alunos, até mesmo discriminando-os perante os colegas. Nestas relações pedagógicas excludentes, que muitas vezes aparecem na sala de aula, pode-se perceber a falta de afetividade manifestada em atitudes, tanto de alunos quanto de professores que parecem descontentes com a situação. A prática da afetividade entre professor e aluno também contribui para melhorar as relações estabelecidas na sala de aula, prática que deve ser cultivada como elemento integrador e facilitador do processo de ensino e aprendizagem, aspecto importante desse processo educativo.

Para o professor desenvolver sua ação de ensinar de maneira satisfatória, ele precisa inovar a sua prática em sala de aula. Isso envolve mudanças de postura.

⁶⁵ FREIRE, 1997, p. 25.

⁶⁶ FREIRE, 1997, p. 81.

Segundo Zieger, “educar para a igualdade e a justiça exige coerência entre a teoria e prática, discurso e valores éticos e morais vividos no dia-a-dia”.⁶⁷

Apesar das transformações ocorridas no mundo, o professor continua sendo um referencial para o seu aluno, ele passa a ser um modelo importante na formação da criança. Tarsizo e Carla de Oliveira, em seu livro *Erros e acertos na educação*, escrevem sobre a *imagem do professor*, que resumem dizendo:

Em suma, o bom professor deve ser um indivíduo culto e autoconfiante, que conhece bem os seus alunos, e em cujo bom senso, lealdade, amizade e humor eles possam confiar; que possui conhecimentos de um conjunto de técnicas educacionais, e é capaz de utilizá-las de acordo com as circunstâncias, adaptando ao interesse dos alunos; que não tem medo de que as perguntas, conversas e excitações sobre a matéria ministrada, signifiquem balbúrdia na classe; que é capaz de provocar perguntas, conversas e excitações sobre a matéria ministrada; e que considera o aluno e seu rendimento o mais importante na escola.⁶⁸

Oliveira e Oliveira concluem dizendo: “O professor que não demonstra prazer em ensinar ou transmitir conhecimentos, não vai motivar os alunos para aprender”.⁶⁹ O ato de ensinar consiste em uma relação professor-aluno. No entanto, o professor precisa sentir prazer em se organizar, em preparar suas aulas, precisa ter o “desejo-de-ensinar”.

Para o aluno, o acolhimento afetivo do professor contribui para o seu interesse pelos estudos e para a melhoria da aprendizagem. Por isso, é notório o papel exercido pelo professor na organização de seu trabalho e na condução das ações desenvolvidas na sala de aula. Elas são fatores importantes na aprendizagem do aluno, podem influenciar tanto positiva quanto negativamente para a sua auto-estima. Leite afirma que:

Decisões de ensino inadequadas dificultam o processo e aprendizagem e as implicações envolvem também as dimensões afetivas, podendo os referidos conteúdos tornarem-se aversivos para os alunos. Tudo indica que o sucesso e a fracasso da aprendizagem têm claras implicações na auto-estima do aluno, entendida aqui como os sentimentos derivados da avaliação que o indivíduo faz sobre si mesmo.⁷⁰

⁶⁷ ZIEGER, Lilian Mary Martins. *Escola: um lugar para ser feliz*. Canoas: ULBRA, 1999. p. 64.

⁶⁸ OLIVEIRA, Tarsizo de; OLIVEIRA, Carla Eliane Dalbem de. *Erros e acertos na educação*. Santa Maria: Pallotti, [s.d]. p. 243.

⁶⁹ OLIVEIRA; OLIVEIRA, [s.d] p. 244.

⁷⁰ LEITE, 2006, p. 25.

São percebidas situações como estas quando o professor não tem um olhar afetivo, compreensivo para com seu aluno, quando não se sente comprometido e, acima de tudo, não tem fascínio pelo que faz. É preciso amar o que se faz.

Neste sentido, é recomendável que as escolas e os professores façam uma reflexão sobre o seu papel e sobre as suas ações, pois as práticas pedagógicas e atitudes do professor em sala de aula têm tanta importância quanto seus saberes e conhecimentos teóricos a serem ensinados. É importante o professor ultrapassar os limites do ensino tradicional e buscar uma prática baseada na pedagogia do encantamento e da afetividade.

3.2 A escola para todos

A escola hoje deverá pensar muito mais na formação do aluno como um todo do que apenas transmitir conteúdos, já que há outros espaços aos quais o aluno poderá ir em busca de informação. Para isso, é necessário reformular alguns valores e atitudes. A escola deve envolver todos que nela participam: gestores, educadores, funcionários, alunos e a família. Aqui entram também todos os profissionais que atuam na escola, bem como os da comunidade, formando uma rede de apoio, importante para o êxito de uma escola inclusiva.

Quando se fala em educação inclusiva, logo se pensa em pessoas com necessidades especiais, e com razão, pois ainda são as mais discriminadas. Porém, a educação inclusiva é para todo aquele que esteja excluído do processo educacional, seja ele com necessidade especial ou não.

Sabemos que a educação no Brasil ainda é carente, que a taxa de analfabetismo é grande. Por isso, as escolas precisam passar por uma mudança. É preciso transformar o sistema educativo para atender todas as crianças e jovens que estão excluídos.

Vivemos uma cultura de exclusão. Nesse sentido a escola é parte da lógica e da política de exclusão que permeia todas as instituições sociais e políticas e que não é própria apenas dos momentos de administração autoritária e de regimes totalitários. O sistema escolar está estruturado para

excluir, sendo que a cultura da exclusão está materializada tanto na organização quanto na estrutura do sistema escolar.⁷¹

Mudar o sistema educativo e as escolas para atenderem as diferenças individuais, inclusive as dos alunos com necessidades especiais, é, sem dúvida, impedir que as diferenças se transformem em desigualdade ou dificuldades para a aprendizagem, é respeitar as habilidades, potencialidades e limitações de cada um, pois cada aluno tem seu tempo e um crescimento diferenciado dentro de suas possibilidades. A flexibilidade é um fator importante. Conforme Chalita,

É preciso ser flexível com quem tem menos informação, com quem teve menos oportunidade para o desenvolvimento, com quem tem menos facilidade cognitiva. Cada ser é único e deve ser respeitado ao que concerne a seus limites, seu tempo, suas escolhas e projetos.⁷²

Saber que o fato de uma criança ter problemas de aprendizagem não significa que ela não vai aprender. A aprendizagem escolar também é considerada um processo natural, que resulta de uma complexa atividade mental, na qual o pensamento, a percepção, as emoções, a memória e os conhecimentos prévios estão envolvidos e na qual deve haver o prazer de aprender.

Atualmente, a política educacional prioriza a educação para todos e a inclusão de alunos que há pouco tempo eram excluídos do sistema escolar por terem deficiências físicas ou cognitivas. Um grande número de alunos que, ao longo do tempo, apresentam dificuldades de aprendizagem e eram rotulados como “alunos difíceis” podem frequentar as escolas. Podemos nos valer do que diz Rosângela Machado:

A inclusão escolar leva em consideração a pluralidade das culturas, a complexidade das redes de interação humanas. Não está limitada à inserção de alunos com deficiência nas redes regulares de ensino. Além disso, beneficia a todos os alunos excluídos das escolas regulares e denuncia o caráter igualmente excludente do ensino tradicional ministrado nas salas de aula do ensino regular, motivando um profundo redimensionamento nos processos de ensino e de aprendizagem.⁷³

⁷¹ BALBÉ, Marta Maria Gonçalves. *A avaliação escolar como processo de exclusão*. In: BONETI, Lindomar Wessler (Org.). *Educação exclusiva e cidadania*. Ijuí: Unijuí, 2003. p. 93.

⁷² CHALITA, 2001, p. 100.

⁷³ MACHADO, Rosângela. *Educação especial na escola inclusiva: políticas, paradigmas e práticas*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 14.

A educação inclusiva é, sem dúvida, um desafio possível. No entanto, para isso, é preciso romper barreiras que impedem o professor de acreditar na capacidade dos alunos. Não se pode pensar que todos são iguais, que todos aprendem da mesma maneira. A afetividade aqui é um elemento determinante entre o que se vai ensinar e as relações que primeiramente se estabelecem entre alunos e professores. Quando o aluno se relaciona bem com o professor, normalmente ele demonstra mais facilidade na compreensão e na aquisição dos conteúdos trabalhados por esse professor. Segundo Pedro Morales,

[...] o aprendizado não é um processo meramente cognitivo ou intelectual. O modo como nos sentimos influi poderosamente em como e quando aprendemos. Ignorar essa dimensão emocional não conduz a nada e, além disso, prestar mais atenção ao âmbito afetivo dos alunos pode melhorar o aprendizado convencional das matérias.⁷⁴

Fica evidente que o envolvimento afetivo do aluno está relacionado também ao seu desenvolvimento intelectual. Ele encontra mais facilidade em aprender aquilo que desperta seu interesse e que está associado à afetividade, pois assim ele envolve seus valores, seus interesses e suas vontades nesse processo educativo. No caso do aluno com necessidades especiais, primeiramente são estabelecidas relações afetivas, depois partimos para as adaptações curriculares, valorizando a coletividade, respeitando a individualidade e atendendo as necessidades de cada aluno.

Uma escola inclusiva não é aquela que tem matriculado alunos com necessidades especiais, mas aquela que valoriza a diversidade, que motiva e que incentiva seus alunos. Ela avalia seu aluno pelas suas conquistas e não por suas dificuldades, respeitando a individualidade, independente da capacidade física ou cognitiva. A avaliação tem em vista o crescimento do aluno e da sua capacidade, o seu esforço próprio para vencer suas limitações. A avaliação não está na comparação com os outros. Deve-se analisar, no caso de promoção ou retenção, em qual situação a criança terá um maior crescimento, se será no momento em que ela acompanha o seu grupo, ou quando tem que conquistar várias coisas novamente, inclusive seu grupo de amigos. Esse aluno não pode ser retido se não for feito nada de novo, ou seja, uma nova proposta de aprendizagem, uma proposta que possibilite

⁷⁴ MORALES, 2006, p. 140.

uma real aprendizagem, em que sejam consideradas suas necessidades e limitações, assim como suas habilidades e potencialidades.

Segundo Márcia Maria do Nascimento e Ivete Raffa,

[...] inclusão é quando nos adequamos para atender a criança com deficiência revendo práticas, conteúdos e material específico para que aquela criança efetivamente participe da aula dentro de suas limitações e potencialidades.⁷⁵

Uma educação inclusiva envolve mudanças de atitudes e ações afetivas, profissionais que entendam a variedade de processos de aprendizagem, tanto dos alunos com necessidades especiais quanto dos demais, pois cada um aprende de uma maneira.

Não há necessidade de um currículo novo, nem especial, há sim necessidade de ajustes nos objetivos, adaptações nos conteúdos e atividades, avaliações diferenciadas, para que todos possam experimentar a vida por inteiro, podendo realmente ser atendidos em suas singularidades. Para Chalita, os “termos comparativos não levam a lugar algum”. Ele complementa dizendo:

Mesmo inserido em um ambiente escolar, o aluno não deixa de lado suas características, suas peculiaridades individuais, que, aliás, são uma marca da riqueza humana que deve ser explorada em sala de aula. Cada um é singular, daí que qualquer tentativa de homogeneização do ensino se traduza em fracasso.⁷⁶

Qualquer pessoa, indiferente de suas condições físicas, sensoriais, cognitivas e emocionais, é única e tem necessidades e possibilidades de conviver, interagir, trocar, aprender e ser feliz de forma diferente. Essa forma de ser e agir é que a torna única, singular.

A inclusão não é uma responsabilidade só da escola, mas da sociedade que precisa romper com antigos preconceitos, muitas vezes enraizados e interiorizados dentro de cada cidadão, acostumados a agir assim e a ver os outros agirem do mesmo modo que nem se dão conta. É necessário refletir sobre as falas e atitudes e olhar com atenção para suas limitações, pois ninguém nasce preconceituoso, mas o

⁷⁵ NASCIMENTO, Márcia M. do; RAFFA, Ivete. *Inclusão social: primeiros passos*. São Paulo: Giracor, 2009. p. 13.

⁷⁶ CHALITA, 2001, p. 138.

preconceito é construído, a partir de um estereótipo que julgamos ser padrão da normalidade, em que o diferente não é aceito e a diferença choca.

Não se pode falar da inclusão como algo bonito, mas como algo necessário e que não precisa só de belos pensamentos, mas de grandes atitudes de uma valorização da diversidade humana e a importância que tem a contribuição de cada um para a sociedade.

Conforme Balbé, a escola “é entendida como um lugar social e espaço de aprendizagens”.⁷⁷ Nesta perspectiva, pode-se dizer que o compromisso com a formação integral do educando é uma grande responsabilidade de todos que compõem o espaço escolar. A autora salienta que nesta caminhada de educar um “homem na sua totalidade – um homem que constrói o seu conhecimento, que pensa, que toma decisões, que se emociona, que se move, que age, que faz”,⁷⁸ a escola deverá proporcionar aos educandos uma educação nos diversos campos do conhecimento e de novos valores.

No prosseguimento da sua explanação, Balbé destaca alguns aspectos para esse novo paradigma:

- A descoberta do saber que trata o mundo como uma extensão da sala de aula, o laboratório como ambiente de novos saberes no qual os estudantes se movimentam;
- O próprio educando como realizador das descobertas de conhecimento, como alguém que pesquisa e de forma autônoma, mais importante que memorizar informações, consegue localizar e refletir sobre suas descobertas;
- A própria educação como experiência dialógica, descortinando e indicando caminhos para se desvelar o conhecimento;
- A relevância do aprendizado e dos estudos da linguagem;
- A importância da afetividade e dos valores éticos introjetados na subjetividade;
- O processo pedagógico dentro de uma visão holística das características do educador;
- A relevância dos processos culturais vinculadas à educação.⁷⁹

Nesta perspectiva, temos que entender que aprender a conhecer é bem mais do que adquirir informações que poderemos acessar a qualquer momento. O conhecimento se desenvolve ao longo da vida, o sujeito interage, relaciona e contextualiza a teoria e a prática. Isso leva o ser humano a descobertas significativas

⁷⁷ BALBÉ, 2003, p. 95.

⁷⁸ BALBÉ, 2003, p. 95.

⁷⁹ BALBÉ, 2003, p. 96.

para a sua vida. É importante a escola preparar o aluno com a intenção de que não basta saber, mas saber fazer em comunidade, em partilha. Segundo Maria Dirlane Witt,

[...] a educação necessita ter como princípio metodológico a transversalidade da esperança e da solidariedade. Essa proposta exige reflexão, coerência e compromisso, considerando a dinamicidade da vida e entendendo a educação como espaço de criação e vivência.⁸⁰

A escola deve trabalhar em conjunto, em parcerias. Pensar que todos estão envolvidos e comprometidos com a educação, uma educação compartilhada, solidária, em que não há espaço para a exclusão. É preciso muita conscientização, abertura, aceitação e respeito mútuo. Witt nos chama para uma educação solidária. “Uma educação mais solidária começa a partir da abertura e da aceitação do outro, numa relação de respeito mútuo, de estímulo à autoconfiança e à dignidade humana”.⁸¹ É através de uma educação solidária que se podem construir espaços educativos em que o aluno tenha prazer em aprender, em acreditar no outro, em viver em comunhão. A escola deve direcionar sua prática não só no aspecto cognitivo, bem como para outras dimensões como a relação com o outro, com o meio ambiente, a espiritualidade, inteligência emocional, a solidariedade, o respeito e a valorização humana.

A autora apresenta os quatro pilares da UNESCO e a atuação de Jesus para uma reflexão.⁸²

- “Aprender a conhecer” pressupõe em primeiro lugar, disposição e abertura para aprender;
- “Aprender a fazer” busca um saber voltado para o coletivo, incentivando as relações interpessoais, que se dão na troca dos saberes;
- “Aprender a viver” juntos remete à ideia de comunidade, partilha, diálogo e respeito;
- “Aprender a ser” a educação deve contribuir para o desenvolvimento total da pessoa-espírito e corpo.⁸³

⁸⁰ WITT, Maria Dirlane. *Esperança e solidariedade: proposta educativa na atuação de Jesus*. São Leopoldo: DEC, 2004. p. 18.

⁸¹ WITT, 2004, p. 19.

⁸² WITT, 2004, p. 24-27.

⁸³ A fim de compreender melhor, recomenda-se a leitura sobre Os quatro pilares da educação de DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 7. ed. São Paulo: Cortez, Brasília: MEC/UNESCO, 2002. p. 89.

As pessoas envolvidas com a educação, estando conscientemente empenhadas no processo de humanização da escola e partindo do princípio de que cada integrante possa contribuir neste processo, contribuiriam relevantemente para que todos vivessem juntos em sociedade, respeitando os valores e a diversidade dos jeitos de pessoas para que haja paz.

A escola pode contribuir para este processo, dinamizando o fazer pedagógico com projetos, partindo inicialmente da construção do Projeto Político-Pedagógico de forma coletiva, com a participação de todos os segmentos da comunidade escolar, um lugar em que exista discussão a partir dos interesses e das necessidades dos alunos e familiares.

Trabalhar em uma escola da rede municipal, em que o propósito é transformar a escola em “uma escola ideal”, uma escola na qual todos compartilham os mesmos ideais, respeitando a diversidade, e que o aluno seja o ator principal, engendra muitos desafios. Para tanto, construir uma rede de apoio é essencial para o êxito desta escola, cuja forma solidária de tecer as relações é fundamental, construída a partir das necessidades do cotidiano escolar, com o objetivo de auxiliar a equipe diretiva, pais e professores, facilitando o processo educativo. Talvez demore um tempo para que nosso sonho se realize, mas o estamos construindo dia a dia. Nesta escola, já podemos contar com:

- Equipe de Suporte Psicopedagógico, formada por orientadoras educacionais, supervisora escolar, psicóloga, psicopedagoga, fonoaudióloga e nutricionista. A equipe trabalha com a orientação aos alunos, orientação aos pais e encontros de formação continuada para os professores. Além dos atendimentos psicopedagógicos com os alunos e pais, é feito também um trabalho voltado somente para o grupo de professores e funcionários, tendo como objetivo o suporte para os aspectos emocionais e afetivos do educador;
- Realizam-se projetos voltados para os adolescentes, tratando de assuntos relacionados a esta fase em desenvolvimento, com o objetivo de oportunizar um espaço de escuta, esclarecendo dúvidas e questões relacionadas aos conflitos pertinentes desta fase e as situações de violência intrafamiliar, bem como o uso de drogas e gravidez na adolescência;
- Terapia Comunitária para pais, professores e alunos. Este é um espaço em que a escuta e o cuidado ao outro se faz presente. Barreto, criador da Terapia Comunitária, a define como:

Um espaço comunitário onde se procura partilhar experiências de vida e sabedorias de forma horizontal e circular. Cada um torna-se terapeuta de si mesmo, a partir da escuta das histórias de vida que ali são relatadas.

Todos se tornam co-responsáveis na busca de soluções e superação dos desafios do cotidiano, em um ambiente acolhedor e caloroso.⁸⁴

A Terapia Comunitária é uma ação de enfoque preventivo e promove a saúde emocional e afetiva e é oferecida às turmas do 1º ano até a 8ª série do Ensino Fundamental. Desta forma, a questão da afetividade é trabalhada juntamente com o professor, possibilitando a criação de vínculos de confiança, respeito mútuo e amizade entre ele e os alunos, bem como entre os próprios alunos. Trabalhar de maneira mais afetiva envolve os alunos nessa relação na qual eles passam a valorizar mais a presença do professor, reconhecendo-o como elemento importante em sua formação;

- Justiça Restaurativa é projeto que institui práticas restaurativas.⁸⁵ “É um encontro entre pessoas diretamente envolvidas em uma situação de violência ou conflito, valoriza a autonomia e o diálogo, a fim de restaurar a harmonia e o equilíbrio entre todos”.⁸⁶

Nas escolas, os Círculos Restaurativos têm como objetivo restaurar a paz, partindo do princípio de que as relações podem ser restabelecidas com base nos valores de inclusão, solidariedade e escuta, com o propósito de estabelecer harmonia, reciprocidade, compromisso e co-responsabilidade. Segundo Brancher,

Justiça Restaurativa é um processo através do qual todas as partes envolvidas em um ato que causou ofensas reúnem-se para decidir coletivamente como lidar com as circunstâncias decorrentes desse ato e suas implicações para o futuro.⁸⁷

O Programa Segundo Tempo⁸⁸ é um programa do Ministério do Esporte em convênio com a Prefeitura Municipal para atender crianças, adolescentes e jovens das redes municipal e estadual, em parceria com entidades comunitárias e sociais, expostos a vulnerabilidades sociais, contribuindo para a diminuição da exposição aos riscos sociais (drogas, prostituição, gravidez precoce, criminalidade, trabalho

⁸⁴ BARRETO, Adalberto de Paula. *Terapia comunitária: passo a passo*. Fortaleza: LCR, 2005. p. 35.

⁸⁵ PROJETO JUSTIÇA PARA O SÉCULO 21. Criado pela 3ª Vara do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.justica21.org.br/interno.php?ativo=J21>>. Acesso em: 5 out. 2010.

⁸⁶ BRANCHER, Leoberto; TODESCHINI, Tânia B; MACHADO, Claudia. (Orgs.). *Justiça para o século 21: instituindo práticas restaurativas: Manual de Práticas Restaurativas*. Porto Alegre: AJURIS, 2008. p. 5.

⁸⁷ BRANCHER, Leoberto. *Iniciação em Justiça Restaurativa: subsídios de Práticas Restaurativas para a transformação de conflitos*. Porto Alegre: AJURIS, 2008. p. 21.

⁸⁸ SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO MUNICÍPIO DE CAPIVARI DO SUL. Disponível em: <<http://www.capivaridosul.rs.gov.br/index.php>>. Acesso em: 29 out. 2010.

infantil e a conscientização da prática esportiva como direito de todos e dever do Estado, assegurando o exercício da cidadania e qualidade de vida).

O programa tem como objetivo oferecer práticas esportivas, recreativas educacionais, culturais e de lazer, estimulando crianças e jovens a manter uma interação esportiva, pedagógica e cultural afetiva que contribua para o seu desenvolvimento integral, desenvolvendo valores sociais e assim contribuindo para a melhoria da qualidade de vida e a diminuição da exposição aos riscos sociais, com a conscientização da prática esportiva como exercício da cidadania, melhoria no convívio e integração social.

São duas horas de atividades que acontecem em turno inverso da escola, três vezes por semana, sendo oferecidos lanches aos alunos. As atividades esportivas são: jogos, futebol, futsal, vôlei, handebol, ginástica, atletismo, tênis de mesa e xadrez. As atividades complementares são: atividades pedagógicas, culturais, ambientais, saúde, lazer, oficinas de artes, teatro, música e dança, hora do conto e da leitura, informática, capoeira, gincanas e palestras.

A escola como instituição formadora constitui um espaço de relações de poder, de defesa de ideias, de idealização de sonhos e de projetos, no qual alunos e professores exercem papéis intelectuais diferentes. Cabe ao professor saber coordenar e promover um ambiente agradável e produtivo neste contexto escolar, a fim de que alunos e professores possam projetar suas esperanças, desenvolver o processo de ensino e aprendizagem e encaminhar a realização de seus sonhos.

Pensar a educação é pensá-la também na escola, e na escola há pessoas e papéis sendo desempenhados. O aluno, sujeito do processo educacional, o grande interessado em ter uma escola viva, crítica, libertadora. [...] O aluno tem que ser amado, respeitado, valorizado. [...] O professor, a alma da educação, a alma da escola, o sujeito mais importante na formação do aluno. O professor referencial, o professor mestre, o professor companheiro, o professor amigo, o professor guia, o professor educador. Que missão magnífica é essa? Que carreira privilegiada. Poder contribuir na formação do caráter, da história do cidadão. [...] A escola dos sonhos dos sonhadores, da poesia dos poetas, da maternidade, da luta dos lutadores começa com a crença de que, em se falando de vida – e como educação é vida –, a solução está no afeto.⁸⁹

⁸⁹ CHALITA, 2001, p. 261-264.

CONCLUSÃO

Depois de muitos estudos e reflexões, pode-se dizer que a afetividade é um importante estímulo para o ato de aprender.

A criança traz para o ambiente escolar toda a afetividade adquirida ao longo de seu desenvolvimento com a sua família, da sua história de vida, dos seus conflitos emocionais. Os vínculos afetivos que se estabelecem com a criança desde o nascimento influenciam na constituição da personalidade e da auto-estima, propiciando condições necessárias para a aprendizagem.

Neste contexto a sensibilidade do professor em conhecer seu aluno bem como a bagagem que ele traz estabelece uma relação afetiva oferecendo um ambiente acolhedor. Esta interação entre professor e aluno contribui para o desenvolvimento cognitivo da criança. Para Oliveira, “o desenvolvimento de uma criança é o resultado da interação de seu corpo com os objetos de seu meio, com as pessoas com quem convive e com o mundo onde estabelece ligações afetivas e emocionais”.⁹⁰

A crença do conhecimento do educador com relação ao seu aluno, no que diz respeito ao seu potencial, das possibilidades de aprendizagem do aluno e suas características individuais, contribui na adequação da metodologia de ensino ao educando.

Menegolla salienta a importância do ensino a partir da realidade do aluno: “o professor necessita ter conhecimentos sobre o desenvolvimento social da criança, da realidade familiar e comunitária em que está inserida”, complementando que “a partir da realidade pensada, conhecida, percebida, sentida e vivida é que podemos pensar em ensinar”.⁹¹

A partir desta visão, o professor tem o compromisso com o processo de ensino e aprendizagem, inovando sua prática pedagógica, através do seu desempenho em sala de aula, das suas atitudes, embasado no seu conhecimento pedagógico, na proposta pedagógica da escola, nunca esquecendo que o seu foco é o ALUNO. Faz-se necessário que o fazer didático do professor busque propostas

⁹⁰ OLIVEIRA *apud* SISTO, Fermino Fernandes; MARTINELLI, Selma de Cássia. (Org.). *Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica*. São Paulo: Vetor, 2006. p.77.

⁹¹ MENEGOLLA, Maximilano. *E agora professor?* 2ª Ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1987. p.42-43.

de atividades inovadoras e diversificadas, conhecer bem a turma para elaborar um plano de trabalho, desenvolver assuntos do cotidiano dos alunos, usar recursos tecnológicos e internet a fim de motivar o educando à busca de conhecimentos prévios para tornar o conteúdo mais significativo, oportunizando diferentes situações que possibilitem formas diferenciadas de ver e pensar, facilitando a aprendizagem.

Neste sentido, pode-se afirmar que a ação pedagógica do professor em sala de aula é fundamental, pois além de ter como tarefa a iniciação de novas informações, de novos conhecimentos, ele tem como dever promover o desenvolvimento humano através da aprendizagem.

A partir do desenvolvimento deste estudo, pode-se constatar a importância da aproximação do professor, do saber ouvir, de um olhar carinhoso, de um abraço; essa demonstração de afeto e cuidado que ele pode ter com o seu aluno, fortalece o vínculo entre ambos.

É também através das práticas pedagógicas, da preocupação de cada um que se percebe o comprometimento em fazer um ensino de qualidade e tornar a escola um lugar onde haja valorização do ser humano e, conseqüentemente, que o aluno tenha prazer em estar presente todos os dias.

A escola não é uma instituição neutra, ela sofre influências do meio no qual está inserida e também exerce influência neste meio. Neste contexto o grande desafio da escola é tecer uma rede de apoio com a comunidade escolar e demais segmentos da comunidade, para que ela se transforme em um espaço agradável, pois não se consegue fazer uma escola sozinha, por isso que a presença da família é primordial neste contexto, sendo assim responsabilidade de todos.

Acredita-se que iniciativas como projetos e programas desenvolvidos nas escolas, em específico os citados neste estudo como: Terapia Comunitária, Prática Restaurativa, Formação de Professores e Funcionários, Projeto Adolescer e Programa Segundo Tempo, que têm contribuído para a ação de “cuidar da comunidade escolar”, no intuito de manter o bem-estar de todos.

Menegolla nos leva a refletir sobre a escola que educa:

A escola que se preocupa com a pessoa é a escola que educa; que ajuda a ser feliz; que ajuda o mundo a ser melhor, a viver a paz, que promove a fraternidade e o amor. Para isso a educação deverá ser planejada a partir da dimensão do homem como pessoa. Só assim estará contribuindo para a

formação do homem, a fim de que se torne cada vez mais senhor de si mesmo.⁹²

A conclusão que pode ser retirada deste trabalho, além da motivação em disseminar cada vez mais uma educação baseada no afeto e no amor, pois é através de uma educação solidária e fraterna que se pode transformar a escola em um espaço mágico de aprendizagens, é a possibilidade sobre a qual o aluno tenha prazer em aprender, em acreditar no outro, em viver em comunhão. A escola deve direcionar sua prática não só para os aspectos cognitivos, mas também para outras dimensões como: a relação com o outro, com o meio ambiente, com a espiritualidade, com a inteligência emocional, com a solidariedade, com o respeito e a valorização humana.

⁹² MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. *Didática: aprender a ensinar*. São Paulo: Loyola, 1989. p. 20.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ana Rita Silva. *A emoção na sala de aula*. 6. ed. Campinas: Papirus, 2007.

ALVES, Fernando Pereira. Capoeira na escola: entre o berimbau e o caderno. In: MONOGRAFIAS.COM. Disponível em: <<http://br.monografias.com/trabalhos3/capoeira-na-escola/capoeira-na-escola.shtml>>. Acesso em: 7 out. 2010.

ALVES, Rubem. *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas: Papirus, 2001.

_____. *Alma de educador*. Disponível em: <<http://almadeeducador.blogspot.com/2008/03/frases-da-educao0003.html>>. Acesso em: 11 de out. 2009.

APOLONÁRIO, Maurício. *A arte da guerra para professores*. Brasília: Thesaurus, 2007.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofia da educação*. São Paulo: Moderna, 2006.

ARANTES, Valéria Amorim (Org.). *Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 2003.

BALBÉ, Marta Maria Gonçalves. *A avaliação escolar como processo de exclusão*. In: BONETI, Lindomar Wessler (Org.). *Educação exclusiva e cidadania*. Ijuí: Unijuí, 2003.

BARRETO, Adalberto de Paula. *Terapia comunitária: passo a passo*. Fortaleza: LCR, 2005.

BOSSA, N. A. Do nascimento ao início da vida escolar: o que fazer para os filhos darem certo? *Revista Psicopedagogia*, São Paulo, v. 17, 1998. Disponível em: <<http://www.psicopedagogianet.com.br/do-nascimento-ao-inicio-da-vida-escolar-o-que-fazer-para-os-filhos-darem-certo.html>>. Acesso em: 3 jun. 2010.

BRANCHER, Leoberto. *Iniciação em Justiça Restaurativa: subsídios de Práticas Restaurativas para a transformação de conflitos*. Porto Alegre: AJURIS, 2008.

- BRANCHER, Leoberto; TODESCHINI, Tânia B; MACHADO, Claudia. (Orgs.). *Justiça para o século 21: instituindo práticas restaurativas: Manual de Práticas Restaurativas*. Porto Alegre: AJURIS, 2008.
- CAPELATTO, Ivan. *Diagnósticos sobre a afetividade*. Campinas: Papirus, 2007.
- CASASSUS, Juan. *A escola e a desigualdade*. Brasília: Líber/Unesco, 2007.
- CHALITA, Gabriel. *Educação: a solução está no afeto*. São Paulo: Gente, 2001.
- DELORS, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. 7. ed. São Paulo: Cortez, Brasília: MEC/UNESCO, 2002.
- FERNANDEZ, Alicia. Aprendizagem, mito e realidade. *Paixão de aprender*, Porto Alegre, n. 1, p. 16-20, 1991.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- FRISON, Marli Dallagnol. A exclusão social da/na escola. In: BONETI, Lindomar Wessler (Org.). *Educação exclusiva e cidadania*. Ijuí: Unijuí, 2003.
- GIANNOTTI, José Arthur. Res publica, res populi. In: FILOSOFIA POLÍTICA 1. Porto Alegre: L&PM, 1984.
- LEITE, S. A. da S.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In: AZZI, R. G.; SADALLA, A. M. F. de A. (Orgs.). *Psicologia e formação docente: desafios e conversas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva (Org.). *Afetividade e práticas pedagógicas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.
- LEITE, Sérgio Antônio da Silva; TASSONI, Elvira Cristina Martins. A afetividade em sala de aula: as condições de ensino e a mediação do professor. In: *VI Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional*, 2003. Salvador: Anais do VI Congresso da Abrapee, 2003. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/SASLAafetividadeemSaladeAula.pdf>>. Acesso em: 22 set. 2010.
- LORENZONI, Nelnie Viale. *Vínculo afetivo e aprendizagem*. Porto Alegre: EST, 2004.

- MACHADO, Rosângela. *Educação especial na escola inclusiva: políticas, paradigmas e práticas*. São Paulo: Cortez, 2009.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. *Afetividade e aprendizagem: contribuições de Henri Wallon*. São Paulo: Loyola, 2007.
- MENEGOLLA, Maximilano. *E agora professor?* 2. ed. Porto Alegre: Mundo Jovem, 1987.
- MENEGOLLA, Maximiliano; SANT'ANNA, Ilza Martins. *Didática: aprender a ensinar*. São Paulo: Loyola, 1989.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. *Ensino: as abordagens do processo*. São Paulo: EPU, 1986.
- MONTE-SERRAT, Fernando. *Emoção, afeto e amor: ingredientes do processo educativo*. São Paulo: Academia de Inteligência, 2007.
- MORALES, Pedro. *A relação professor-aluno: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 2006.
- MOREIRA, Virgínia. *De Carl Rogers a Merleau-Ponty: a pessoa mundana em psicoterapia*. São Paulo: Annablume, 2007.
- NASCIMENTO, Márcia M. do; RAFFA, Ivete. *Inclusão social: primeiros passos*. São Paulo: Giracor, 2009.
- OLIVEIRA, Maria Kohl de (Org.). *Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea*. São Paulo: Moderna, 2002.
- OLIVEIRA, Tarsizo de; OLIVEIRA, Carla Eliane Dalbem de. *Erros e acertos na educação*. Santa Maria: Pallotti, [s.d].
- NÓBREGA, Lopes D Neto. Holismo nos modelos teóricos de enfermagem. In: *Revista Brasileira de Enfermagem (REBEn)* Brasília, abr/jun, p. 233-42, 1999.
- PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. As emoções e os estilos de aprendizagem no processo de ensinar e aprender. *Psicopedagogia OnLine*, 03/06/2009, Educação & Saúde. Disponível em: <<http://www.psicopedagogia.com.br/entrevistas/entrevista.asp?entrID=117>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

PROJETO JUSTIÇA PARA O SÉCULO 21. Criado pela 3ª Vara do Juizado Regional da Infância e da Juventude de Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.justica21.org.br/interno.php?ativo=J21>>. Acesso em: 5 out. 2010.

RESTREPO, Luis Carlos. *O direito à ternura*. Petrópolis: Vozes, 2001.

SALTINI, Cláudio J. P. *Afetividade e inteligência*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA DO MUNICÍPIO DE CAPIVARI DO SUL. Disponível em: <<http://www.capivaridosul.rs.gov.br/index.php>>. Acesso em: 29 out. 2010.

SISTO, Fermino Fernandes; MARTINELLI, Selma de Cássia. (Orgs.). *Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica*. São Paulo: Vetor, 2006.

TEIXEIRA, Gilberto. Introdução aos Conceitos de Educação, Ensino, Aprendizagem a Didática. In: Ser Professor Universitário. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=12&texto=725>>. Acesso em: 10 nov. 2010.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Construção do conhecimento em sala de aula*. 10. ed. São Paulo: Libertad, 2000.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org). *Lições de didática*. Campinas: Papyrus, 2006.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. *Afetividade*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Afetividade>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

WITT, Maria Dirlane. *Esperança e solidariedade: proposta educativa na atuação de Jesus*. São Leopoldo: DEC, 2004.

ZIEGER, Lilian Mary Martins. *Escola: um lugar para ser feliz*. Canoas: ULBRA, 1999.